

Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais  
Departamento de Educação



# Revista do Ensino

ANO XXXVII — Julho - Setembro de 1968 — N.ºs 232 - 233

## REVISTA DO ENSINO

Revista do Ensino — N.º 232-233 — Julho-Setembro de 1968

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

GOVERNADOR DO ESTADO: *Dr. Israel Pinheiro*

SECRETARIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO: *Dr. José Maria de Alkmim*

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO: *Pe. Aristides  
Clemente Teixeira*

DIRETOR-REDATOR: *Elisabeth Vorcaro Horla*

### NOSSA CAPA:

*Brasileirinhas na neve. São os dois filhos do Professor Heitor Martins, professor universitário nos Estados Unidos e que, junto a sua esposa Terezinha, também brasileira e professora ali — levava a cultura brasileira aos americanos.*

# REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO



DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



## INTRODUÇÃO

A *Revista do Ensino* volta a apresentar os Programas para o Ensino Normal em Minas Gerais, tomando os textos publicados no Diário Oficial, o "Minas Gerais". Estes programas foram elaborados por uma equipe de professores tendo em vista a Resolução n.º 3 do Conselho Estadual de Educação, transformada no Decreto 6.879 de 13 de março de 1963. A enorme procura dos programas e o completo esgotamento dos números da *Revista do Ensino* (219 e 220 de dezembro de 1964 e abril de 1965) respectivamente, que os publicaram — levaram-nos à nova apresentação dos mesmos.

Apresentamos ainda artigos de interesse educacional ou cultural e mais a seção catequética de tanta procura em certos setores do ensino.

Temos ainda o prazer de manifestar nossa satisfação por este reencontro com nossos leitores — privados que estávamos há alguns meses, pelos motivos já conhecidos de demora na elaboração gráfica — de nos encontrarmos através destas páginas organizadas com o esforço e a dedicação que sempre nos mereceram — os professores, estudantes e demais estudiosos que nos lêem.

Elisabeth Vorcaro Horta

## **Programa Para o Ensino Normal em Minas Gerais**

Tendo em vista a sua Resolução n.º 3, transformada em Decreto n.º 6.879, de 13 de março de 1963, e atendendo a constantes solicitações dos estabelecimentos interessados, o Conselho Estadual de Educação fez publicar os programas para o ensino normal, elaborados por equipes de especialistas integrantes das diversas áreas do magistério oficial e particular do Estado de Minas Gerais.

Foram todos analisados na sua amplitude e no seu desenvolvimento em sessão ordinária do mês de maio de 1964, nos termos do § 2.º do art. 35 da Lei Federal n.º 4.024, de 20/12/1961, que fixou as diretrizes e bases da educação nacional.

A Revista do Ensino, tomando os textos publicados no Diário Oficial, o "Minas Gerais", apresenta-os novamente ao professorado mineiro.



## **Comissão Organizadora dos Programas do Curso Colegial Normal**

Secretário de Estado da Educação — Dr. José de Faria Tavares.

Chefe do Departamento de Educação — Dr. A.A. de Mello Cançado.

Chefe do Serviço de Estudos Pedagógicos: — Maria Auxiliadora de Souza Brasil.

Chefe da Seção de Programas e Livros Didáticos: — Niza Carvalho.

### **COMISSÃO CENTRAL**

Maria Auxiliadora de Souza Brasil

Maria Couto

Terezinha Oliveira

Dr. Antônio Augusto de Mello Cançado

Dr. Bolivar Tinoco Mineiro

Coordenação Geral: Norma de Castro Leite e  
Niza Carvalho.

### **COMISSÕES ESPECIAIS**

Disciplinas obrigatórias

1.1 — Português e Literatura — Eunice da Conceição Macedo, Luiz Gonzaga da Fonseca, Maria Antonieta Cunha, Nair Magalhães Cardoso de Souza.

Consultores — José Mesquita de Carvalho e Wilton Cardoso.

1.2 — Aritmética e Geometria — Dilza Reis, Henrique Morandi, Irmã Maria Carolina Ribas, Maria de Lourdes Cançado Azevedo, Odette Klein, Rodolfo Kindler.

Consultora: — Jacy Stella Vieira de Vasconcelos.

1.2.1. — Estatística — Ione Gazolla Scarpelle, Terezinha Oliveira.

1.3 — Estudos Sociais Brasileiros, Sociologia Educacional e Filosofia da Educação — Ivone Guimarães Batista Lopes, José de Anchieta Correa, Jacy Camarão Figueiredo, Obregon de Carvalho, Pedro Paulo Cristovam dos Santos, Raimundo Nonato Fernandes, José Eduardo de Menezes, Luiz Silva, Marcos Rubinger, Moacir Laterza, Maria de Lourdes Duarte, Terezinha Oliveira, e Tocary Bastos.

Consultores — José Faria Tavares, Antônio Augusto de Mello Cançado e Morse Belém Teixeira.

1.4 — Introdução à Educação e Didática Teórica e Prática — Maria Antonieta Bianchi, Maria Vicentina de Campos Carvalho, Rizza de Araújo Pôrto.

Consultora — Alaide Lisboa de Oliveira.

1.5 — Psicologia Educacional — Marina Machado Tavares, Terezinha Naves, Ione Gazolla Scarpelli, Lira Paixão, Maria Augusta Cunha Francisco, Maria Luitza de Almeida Cunha Ferreira.

Consultores — Maria Auxiliadora de Souza Brasil, Pedro Parafita de Bessa.

1.6 — Biologia Educacional e Higiene — Dr. Armando Ribeiro dos Santos, Dr. Henrique Furtado Portugal, Maria do Carmo Fiúza, Maria Luíza Bandeira de Mello, Dr. Marino Mendes Campos.

Consultor — Dr. José Guerra Pinto Coelho.

## DISCIPLINAS OPTATIVAS

2.1 — Educação Pré-Primária — Mary Sue Dutra de Carvalho, Léa Nogueira Cavalcanti, Maria Ezilda Koeler de Barros Ribeiro, Maria Emilia Mota de Faria, Maria de Lourdes Xavier Lana.

Consultora — Nazira Féres Abi Saber.

2.2 — Educação Supletiva — Odete Ventorim, Alice Ribeiro, Edméa Guimarães Moura, Marilda Almeida Trancoso.

Consultora — Maria Clélia Botelho.

2.3 — Educação Emendativa — Eunice Rabelo Mourão, Maria das Dores Portilho, Yolanda Martins e Silva.

Consultora — Helena Antipoff.

2.4 — Introdução à Orientação Educacional — Aspasia Ayer, Imene Guimarães, Ione Gazolla Scarpelli.

Consultor — Pierre Weil.

2.5 — Inglês — Elmar Queiroga, Mário Ribeiro, Solange Ribeiro de Oliveira.

2.6 — Francês — Maria Antonieta Cunha, Maria José Queiroz.

Consultor — Jean Vincent.

### 3 — Prática Educativa Obrigatória

Educação Física — Catharina Viana, Celina Pinheiro Machado, Joana D'Arc Americano do Sul, Maria Cecília Conde de Resende, Nella Testa Taranto, Olga Prado Becker.

Consultor — Cel. Geraldo Pinto de Souza.

### 4 — Práticas Educativas Opativas

4.1 — Educação Cívica — Emma Ciodaro, Maria José Caldas Teixeira, Maria Onolita Peixoto, Olga Botelho Pôrto.

Consultor — Dr. Antônio Augusto de Mello Cançado.

4.2 — Música e Canto Orfeônico — Hilda Sebastiana Soares Fonseca e Maria Guiomar Amarim Ferrara.

4.3 — Artes Plásticas — Mary Sue Dutra de Carvalho e Maria Emília de Castro Goulart.

4.4 — Artes Industriais — Alzira de Souza Carmo, Dora de Souza Parma, Irani de Faria, Maria da Conceição Fiuza, Zilda Ferreira.

Consultor — Agnelo Corrêa Viana.

5 — Formação Psicopedagógica e Catequética

Alcina Salina, Jacy Stella Vieira de Vasconcelos, Vera Brandão.

## Programa de Formação Psicopedagógica e Catequética

Os programas das duas últimas séries do Curso Normal visam, especificamente, à formação da Catequista. Nisto ajustam-se aos objetivos das demais disciplinas do Curso, nesta altura especializadas para formar a professora. Para maior eficiência e economia de tempo, é mister estabelecer uma ligação, um paralelismo, na apresentação e desenvolvimento das unidades do programa de Formação da Catequista com os programas de Metodologia e Psicologia.

Seria conveniente que o Curso de Formação de Catequista fôsse confiado à mesma professora de Psicologia ou Metodologia. Duas vantagens decorrem:

1 — as alunas aprendem concomitantemente as técnicas didáticas e princípios educacionais aplicáveis, ora às lições de Catecismo, ora às demais matérias;

2 — com isto passam a olhar o ensino do Catecismo e a formação cristã de seus alunos, como tarefa integrante do seu magistério, o que é o ideal.

### 1ª parte — Didática do Catecismo

#### I — Unidade

Fim da catequese — excelência e necessidade da catequese. Novas dimensões da catequese. A palavra dos Papas. Dever e missão da professora católica.

## II — Unidade

Preparação da Catequista: doutrinária — espiritual — pedagógica e psicológica. Meios: estudo — leitura — cursos — participação em Congressos, Encontros, Reuniões de Catequistas etc.

## III — Unidade

O ensino do Catecismo — Métodos Catequéticos, Método Integral e Vital — características.

## IV — Unidade

A aula de Catecismo. O plano de lição segundo o Método Integral e Vital. Preparação da aula — pontos principais:

1. consulta ao programa
  2. estudo do assunto
  3. elaboração do plano
  4. preparo do material
  5. desenvolvimento em classe — horário — duração
  6. atenção ao clima da sala de aula
  7. ênfase à parte de formação cristã das crianças:
- formação doutrinária — litúrgica — formação da consciência — formação apostólica.

## V — Unidade

O material didático: cartazes — gravuras — mapas — projeções — flanelógrafo — desenhos — fotografias — discos. Objetos e vestes litúrgicos. Jogos. Alburns e cadernos ilustrados. Dísticos e fichas.

## VI — Unidade

Outros recursos pedagógicos: dramatizações — celebrações — pantomimas — côro falado — canto. Excursões a lugares de devoção ou visita a santuários célebres; aprecia-

ção de igrejas, altares, imagens, a fim de educar o senso artístico religioso. Maratonas catequéticas. Exposições de trabalhos catequéticos dos alunos. Assistência às celebrações litúrgicas: Missa — sacramentos, com prévia preparação das crianças. Orações em comum. Visitas ao SS.

## VII — Unidade

Motivação das aulas — importância para eficiência das mesmas. Meio para criar a atmosfera propícia à aula. Meio de conseguir a participação interessada da criança na aprendizagem, de modo a assegurar o objetivo principal da Catequista: formação cristã dos alunos. Algumas motivações: fatos da vida da criança — acontecimentos sociais e da vida da Igreja. Tempo litúrgico. Gravuras — cartazes — histórias etc.

## VIII — Unidade

Avaliação da aprendizagem — fixação de pontos essenciais — exercícios e tarefas — questionários — Jogos — desenhos — fichas e dísticos — estudo — livros para as crianças.

Atividades práticas (colaboração de toda a turma)

- 1 — Preparar uma Exposição de material didático: cartazes — jogos — maquetes de altar e objetos litúrgicos — alburns etc.
- 2 — Organizar um Fichário de Planos de Aulas — histórias e poesias — livros de consulta — indicação de material e atividades didáticas etc.
- 3 — Fazer "sketches" — pequenas peças teatrais sobre passagens da Sagrada Escritura ou destacando pontos doutrinários.

## 2ª parte — Psicologia Catequética

A Catequista precisa conhecer melhor as crianças em suas reações, interesses, atividades e possibilidades próprias

de sua evolução, para orientá-las e ajustar-se às necessidades religiosas e morais de cada uma.

#### I — Unidade

Tendências religiosas das crianças. Evolução do sentimento religioso e vida cristã da criança.

#### II — Unidade

Aproveitamento da afetividade, dos hábitos, da atividade e das sensações na formação religiosa das crianças.

#### III — Unidade

Formação religiosa da 1ª infância — importância desta idade. Papel da mãe na formação religiosa. Valor do ambiente — adaptação aos comportamentos característicos desta idade. O que ensinar.

#### IV — Unidade

Formação religiosa no Jardim da Infância (4 a 6 anos) — adaptação a seus comportamentos característicos. Aproveitamento do grafismo infantil, da tendência associativa (canto coletivo, ginástica historiada, dramatizações), do gosto pelo maravilhoso (milagres de Jesus), da tendência à imitação, da necessidade de atividade (desenhos — modelagem, etc.).

#### V — Unidade

Formação religiosa na idade escolar (7 a 11 anos). A atenção, a memória e a inteligência a serviço da aprendizagem catequética. Adaptação aos comportamentos característicos desta idade: fase do colecionador, a idade dos "porquês" (curiosidade) e principalmente a evolução do estudo lógico.

#### Atividades práticas

1 — Pesquisa — observação de crianças — estudo de cada caso — orientação catequética para formação cristã de cada tipo.

2 — Concursos — "O Céu é o Limite" sobre temas evangélicos.

3 — Concursos de competições sobre o tema: "Compromisso do meu Batismo: Ide e Ensinai." Publicação no Jornal da Escola.

#### 3.º ano

O programa do 3.º ano pode ser dividido em duas partes: Psicologia e Catequética, que poderão ser dadas em aulas alternadas, para seguir, quanto possível, o desenvolvimento do programa de Psicologia do Curso Normal.

#### 1ª parte — Psicologia Catequética

##### I — Unidade

Psicologia da aprendizagem — sua aplicação às aulas de catecismo.

##### II — Unidade

Motivação das aulas — suas fontes: técnicas de motivação no ensino do catecismo — Correlação entre o ensino e a vida da criança.

##### III — Unidade

Avaliação da aprendizagem — Testes de catecismo — questões para verificação da formação cristã das crianças.

##### IV — Unidade

Formação de hábitos e atitudes cristãs, de acordo com o desenvolvimento psicológico da criança.

##### V — Unidade

Formação dos sentimentos. Importância das convicções. Coerência entre a doutrina e a vida: fundamento de uma verdadeira personalidade cristã.

## VI — Unidade

Disciplina e govêrno de si mesmo.  
Disciplina e formação de consciência.  
Disciplina e ideal de santidade.

## 2ª parte — Catequética

## I — Unidade

Elementos sobrenaturais da educação: virtudes teológicas, vida sacramental, vida de oração. Sobrenaturalização das virtudes naturais.

## II — Unidade

Formação cristã: vida na graça, vida sacramental.

## III — Unidade

Formação apostólica: a Igreja, Corpo Místico; o Cristão, membro deste Corpo. Integração do cristão como tal na vida da sociedade: o apóstolo. Preparação para a Ação Católica.

## IV — Unidade

Formação litúrgica.

## V — Unidade

Formação da consciência. Educação do julgamento. Responsabilidade da criança.

## VI — Unidade

Formação para a oração: dever de orar, vida e espírito de oração.

## VII — Unidade

Formação social. Relação das crianças com a família, a escola, a Paróquia, a sociedade. Atitude da criança a serviço do próximo. Associações religiosas infantis.

## VIII — Unidade

Organização do ensino religioso: Catecismo paroquial; Catecismo das escolas; C.D.C.; Secretariado Nacional do ensino religioso. Frequência ao Catecismo. Problema da Perseverança. O "Dia do Catecismo" e outros movimentos festivos.

## Atividades práticas

1 — Estágio em suas Paróquias, responsabilizando-se por turmas de Catecismo. A professora orientará o trabalho, os planos de aula, material, estimulando.

2 — aulas nas classes de Demonstração, assistidas pela professora — orientação.

3 — trabalho em equipes: "Como ensinar a Missa às crianças":

a) pesquisa e comentário dos livros e material didático adequados

b) preparação das aulas para as várias séries

c) exposição do trabalho para outras turmas.

4 — Confeção de material catequético — sugestões para seu uso.

5 — Desenhos de cenas evangélicas para flanelógrafo ou teatro de sombra.

6 — Escrever coros falados ou peças a serem representadas pelas crianças ou colegas com temas religiosos.

## Programa de Artes Industriais

### Introdução

As Artes Industriais na escola participam do ideal de educação, pela atividade simultânea entre as mãos e o espírito.

#### 1 — Objetivos:

a) preparar a professora para usar as artes industriais como recursos educativos, descobrindo e aproveitando aptidões manuais, formando atitudes e hábitos de trabalho;

b) despertar o interesse pela arte em geral e pelas artes industriais em particular, como iniciação às técnicas artísticas, desenvolvendo a sensibilidade estética, o gosto artístico e aptidão para o trabalho;

c) dar a compreensão do valor social do trabalho; desenvolver habilidade em estimular o aluno a aprender de maneira prática, a realizar com honradez e escrúpulo, predispondo-o ao trabalho prestado como serviço útil à sociedade;

d) habilitar a professora a confeccionar o material didático à prática da economia no emprêgo do material; ao trabalho de equipe, ajuda e cooperação; ao esforço; ao método; à paciência; à ordem; ao autodomínio e à perseverança.

#### 2 — Conteúdo Programático.

O programa de Artes Industriais a ser desenvolvido no Curso Normal de Nível Colegial, basear-se-á na adoção

de, pelo menos, três técnicas artesanais por série, da relação discriminada:

#### 2.ª Série

Cartonagem e Encadernação

Cestaria

Couro

Fantoches

Madeira

#### 3.ª Série

Artes Gráficas

Cerâmica

Metal

Mosaico

Tecelagem Manual

#### Observação:

será facultado ao colégio a escolha dos três tópicos por série, obedecendo a fatores de ordem:

a) interesses regionais;

b) conveniências relativas ao corpo docente.

#### 3 — Distribuição do Conteúdo em Unidades Didáticas

(2.ª Série — 2 aulas semanais)

*Cartonagem e Encadernação*

(1.º Semestre)

#### Unidade I

Decoração de papéis.

Atividades:

1 — marmorização

2 — pintura com goma e anilina

3 — pintura esponjada.



## Unidade II

Recortes e dobraduras.

Atividades: trabalhos em papel e cartolina.

Sugestões para trabalhos:

Envelopes, decoração para festas juninas, Páscoa, Natal.

## Unidade III

Cartão com revestimento.

Atividades: trabalhos em papelão simples e com aplicação de cadarço, fita, ilhós, cordão, lombada.

Sugestões para o Trabalho:

Reprodução do livro primitivo (sanfona), álbum, pasta para correspondência.

## Unidade IV

Caixas.

Atividades: confecções de caixas de diversos tipos.  
(2.º Semestre)

## Unidade V

Encadernação rudimentar.

Atividades:

- 1 — colada
- 2 — costurada.

Sugestões para Trabalhos:

Blocos, cadernos, livros in-fólio, brochura.

## Unidade VI

Encadernação.

Atividades: encadernação a meio pano.

## CESTARIA

## Unidade I

Tecidos.

Atividades:

- 1 — cordões com ponto simples e variações;
- 2 — tranças múltiplas em fibras.

Sugestões para Trabalhos.

Descansos, sola de chinelo, bolsa, sacola, cinto, chapéu, flôres, caixas, tapête.

## Unidade II

Tecidos.

Atividades: emprêgo de palhas diversas e fitas de madeirite;  
pontos: tafetá, sarja, fantasia

Sugestões para Trabalhos:

Ventarola, capa de livro, tecido para quebra-luz e porta-revista, fundo de bandeja, jôgo americano, bolsa, cinto, gáspea para chinelo.

Nota: as peças das unidades I e II poderão ser executadas mais tarde, quando se atingir a unidade VII.

## Unidade III

Trabalhos em piaçava.

Atividades:

- 1 — tecido simples com número ímpar de raios;
- 2 — tecido duplo com número par de raios.



## Sugestões para Trabalhos:

Descansos, porta-revistas, pratos, cêsto, revestimento de garrafa, chapéu, bolsa, quebra-luz.

## Unidade IV

Trabalhos em sabugo de milho.

Atividades: corte, tintura, ligamento.

## Sugestões para Trabalhos:

Descansos, cêsto, bandeja, boneco, bolsa, enfeites diversos.

(2.º Semestre)

## Unidade V

Trabalhos em palha de milho.

Atividades:

1 — palha retorcida;

2 — ligadura.

## Sugestões para Trabalhos:

Descansos, pratos, bandeja, cêsto, bolsa, merendeira.

## Unidade VI

Trabalhos em bucha.

Atividades: corte, tintura, trama.

## Sugestões para Trabalhos:

Chinelo, bolsa, sacola, chapéu, tapêtc.

## Unidade VII

Acabamento.

Atividades: confecções de peças utilizando os tecidos preparados anteriormente.

## Sugestões para Trabalhos:

Bolsa, sacola, porta-revista, quebra-luz, chapéu, caixas, tapêtc, sola e gáspea para chinelo.

## COURO

(1.º Semestre)

## Unidade I

Trabalho simples sem fôrro.

Atividades: recorte e costura.

## Sugestões para Trabalhos:

Porta-fósforo, porta-níqueis, porta-etiquêta de mala, capa de livro, porta-guardanapo, peteca, bola.

## Unidade II

Trabalhos com fôrro.

Atividades: recorte, colagem, costura, acabamento.

## Sugestões para Trabalhos:

Porta-guardanapo, capa de livro, costureira simples, estôjo para óculos, cigarreira, porta-notas.

## Unidade III

Trabalhos com emprêgo de ferragens.

Atividades: aplicação de recibos, fechaduras, pressão, fivelas, fecho-éclair etc.

## Sugestões para Trabalhos:

Pasta escolar, cinto, porta-livros de correias, suspensório, bolsa.

## Unidade IV

Trabalhos com fôrro, refôrço e repartições internas.

Atividades: recorte, colagem, costura, acabamento.

## Sugestões para Trabalhos:

Merendeira escolar, pasta colegial sem alças, pasta para papéis, estôjo para pintura.

(2.º Semestre)

## Unidade V

Trabalhos com costuras e perfurações decorativas.  
 Atividades: costuras simples, caseado, emendas e perfurações decorativas.

Sugestões para Trabalhos:

Peteca, sapato *mocassin*, chinelo, sandália, capas de livro e bloco, luvas, cesto de lixo, bolsa, sacola.

## Unidade VI

Decoração.

Atividades: processos de decoração-gravação, modelagem, repuxado, encinzagem, pirogravura, pintura.

Sugestões para Trabalhos:

Capa de livro, cesto de lixo, porta-lápis, bolsa, sacola, caixas, chinelo, marcador de lixo, chicote, almofada.

## Unidade VII

Tintura e verniz.

Atividades: processos de tintura e envernizamento.

Sugestões para Trabalhos:

Porta-pincéis, sacola, bolsa, porta-blocos, caixas.

## Unidade VIII

Aproveitamento de trabalhos de couro.

Atividades: confecções de flores e mosaico.

Sugestões para Trabalhos:

Flôres para acessórios, sacola, bolsa, capa para livro, caixas, cobres.

## FANTOCHES

(1.º Semestre)

Execução de fantoches de papel.

Atividades:

- 1 — com sacos de papel, cartolina, caixas de papelão;
- 2 — cabeça modelada pelo processo "maché";
- 3 — animais com rolinhos de papel.

## Unidade II

Fantoches em tecido de pano e meia.

Atividades:

- 1 — boneco de pano recortado sob o contorno dos dedos;
- 2 — boneco andarilho com enchimento de algodão;
- 3 — boneco de meia, tipo soquete e de meia de enfermeira.

## Unidade III

Recorte de figuras em cartolina, papelão ou compensado, confecção de indumentária, preparação de cenários.

Atividades: Teatro de sombras chinesas e silhuetas humanas.

## Unidade IV

Confecção de máscaras.

Atividades: máscaras diversas em cartolina, papel velho.

(2.º Semestre)

## Unidade V

Fantoches de luvas.

Atividades: figuras humanas e de animais para jogos dramáticos e para decoração.

## Unidade VI

Marionetes em madeira (pita — pinho — cortiça).

Atividades:

- 1 — figuras humanas e de animais para teatro de fantoches;
- 2 — criação de peças adaptadas aos personagens criados;
- 3 — encenação.

## MADEIRA

(1.º Semestre)

## Unidade I

Recortes.

Atividade: emprêgo da serra manual tico-tico, em recortes no compensado ou madeira fina.

Sugestões para Trabalhos:

Recortes de figuras humanas e de animais utilizados para a confecção de peças práticas: porta-fósforo, porta-chaves, peças decorativas, brinquedos.

## Unidade II

Recortes.

Atividades: uso da serra de metal, serra de voltear, serrote de ponta, serrotes, em recortes na madeira mais grossa.

Sugestões para Trabalhos:

Tábuas para carne ou pão, cabide, recorte de rodas para carro, recortes para complementar outras técnicas.

## Unidade III

Técnica de broquear.

Atividades: emprêgo da máquina de furar com diversas brocas, arco de pua com ferro de pua, pregos, parafusos.

Sugestões para Trabalhos:

Porta-lápis, bonecos e animais articulados, brinquedos: carro de bois, trem de ferro, caminhão, charrete, migoalheiro, vassoura, escôva.

## Unidade IV

Técnicas de amoladura — cunha.

Atividades: emprêgo da machadinha, formão, facão, canivete, grossa, lima.

Sugestões para Trabalhos:

Confecção de cabos para vassoura, ancinho, escôva, migoalheiro, martelo, pá de lixo. Aproveitamento de cabos de vassouras.

## Unidade V

Emprêgo da plaina.

Atividades: manejo e afiação da plaina.

Sugestões para Trabalhos:

Preparo de tábuas para prateleira, banco, mesa, caixa para engraxate.

## Unidade VI

Juntas e encaixes.

Atividades: técnicas de aplicação de meia madeira e esquadria.

Sugestões para Trabalhos:

Mesa, caixa para engraxate, manivela para papagaio, caixas.

## Unidade VII

Goiva, tórno.

Atividades: técnicas de emprêgo.

Sugestões para Trabalhos:

Pratos escavados, colher, garfo, bilboquê, pé de quebra-luz, pé de mesa.

## Unidade VIII

Técnicas de decoração.

Atividades: emprêgo do pirógrafo, cêra, verniz, tintas.

Sugestões para Trabalhos:

Preparação de raízes e bambus para pé de quebra-luz, alça de bolsa, porta-vasos, flauta.

## ARTES GRÁFICAS

(3.ª Série — 2 aulas semanais)

## Unidade I

Gravura artística manual.

Atividades: desenho; pintura.

Sugestões para Trabalhos:

Estudo, cartazes, quadros, cartões.

## Unidade II

Escrita.

Atividades: arquitetura da letra e cifras.

Sugestões para Trabalhos:

Avisos, calendário, folheto, mensagem, propaganda comercial, cartaz, jornal, livro.

## Unidade III

Gravura planográfica.

Atividades: gravação, estamperia.

Instrumentos: placas — tintas.

Sugestões para trabalhos:

Cartaz, quadro, calendário, peças de vestuário e decoração, flâmulas.

## Unidade IV

Gravura serográfica.

Atividades: impressão em crivo de sêda (Silk Screen).

Sugestões para trabalhos:

Cartaz, quadro, calendário, peças de vestuário e decoração, flâmulas.

## Unidade V

Gravura estereográfica.

Atividades: 1. linoleogravura;

2. xilogravura;

3. tipografia.

Sugestões para trabalhos:

Avisos, calendário, folheto, carta circular, mensagem, propaganda comercial, quadro, cartaz, jornal, livro.

## Unidade VI

Cartazes.

Atividades: técnica de confecção, espécies, objetivos, função.

## CERAMICA

## Unidade I

Trabalhos de formas simples.

Atividades: modelagem pelo processo: quadrado de argila.

Sugestões para trabalhos:

Tigela, prato, cinzeiro.

## Unidade II

Trabalhos com formas de animais.

Atividades: modelagem pelo processo, forma oval.

Sugestões para trabalhos:

Pato, cachorro, coelho, vaca.

## Unidade III

Trabalhos de forma simples.

Atividades: modelagem pelo processo: cordões de argila.

(2.º Semestre)

## Unidade IV

Trabalhos em formas complexas.

Atividades: modelagem pelo processo: cordões de argila.

Sugestões para trabalhos:

Prato, jarra, vaso, floreira, castiçal, cinzeiro.

## Unidade V

Fornada de biscoito.

Atividades: queima de peças cruas.

## Unidade VI

Esmaltação.

Atividades: aplicação do esmalte a pincel.

## Unidade VII

Fornada de esmalte.

Atividades: queima de peças esmaltadas.

## METAL

(1.º Semestre)

## Unidade I

Trabalhos em fôlha-de-flandres sem solda.

Atividades: recortes, dobraduras, encaixes.

Sugestões para trabalhos:

Bonecos, animais, forma de bôlo, ralador, castiçal, brinquedos, tabuleiros de flandres para cartonagem.

## Unidade II

Trabalhos em arame.

Atividades: modelagem.

Sugestões para trabalhos:

Cabide, porta-bilhetes, suporte para papéis, armação para quebra-luz, porta-retratos, argola, corrente de elos, alça, gancho de arame, garfo para levar peças de cerâmica ao forno.

## Unidade III

Trabalhos de modelagem em chapa de latão, cobre, alumínio, sôbre molde.

Atividades: recorte, dobradura, técnica do repuxado e emprêgo da têmpera.

Sugestões para trabalhos:

Cinzeiro, prato, vaso, gongo, talheres, calha de zinco para molhar vime.

## Unidade IV

Trabalhos com solda e rebites.

Atividades: emprêgo da solda, rebite, curvatura de tubos galvanizados e outras chapas.

Sugestões para trabalhos:

Trabalhos variados com aproveitamento de latas usadas em: brinquedos, jôgo para massa, cesto, caneca, jardineira, regador, espumadeira, saboneteira, dobradiça, fechadura para caixa de ferramentas, lingüeta.

(2.º Semestre)

## Unidade V

Trabalhos em ferro forjado.

Atividades: técnica de espartilhar pontos e uso da forja.

Sugestões para trabalhos:

Florcira, castiçal, pé de quebra-luz, parafuso, prego, pequenas ferramentas: talhadeira, riscador, punção, modelador, garfo, martelo de pena, chave de fenda.

## Unidade VI

Decoração de trabalhos.

Atividades: emprêgo da tinta, grafite, ácido nítrico e sulfúrico.

Sugestões para trabalhos:

Decoração de peças confeccionadas.

## Unidade VII

Técnicas de decoração.

Atividades: decoração por: recorte, martelo, repuxado e corrosivos.

Sugestões para trabalhos:

Peças decorativas.

*Mosaico*

## Unidade I

Encaixe.

Material: Papel "Fantasia" e similares.

Atividades: estudo de formas (elementos e sólidos geométricos);

combinação de côres;

recorte;

colagem;

Sugestões para trabalhos:

Projetos para mosaico de madeira e pedra, e para tapeçaria; cartazes, capas de livro, caixas.

## Unidade II

Mosaico — efeito de pintura.

Material: papel — aproveitamento de capas de revistas coloridas; palhas e fibras; cereais.

Atividades: Desenho

Estudo de cores

Recortes de fragmentos

Colagem.

Sugestões para trabalhos:

Estudos: quadros decorativos, fundo de bandeja car-  
de saudações, cartazes.

#### Unidade III

Encaixe

Material: lambris, madeirite, fórmica e cortiça.

Atividades: desenho

recortes

colagem

acabamento.

Sugestões para trabalhos:

Bandeja, suportes, quadro decorativo, caixa, mesa,  
biombo, decoração de móveis, pé de quebra-luz.

#### Unidade IV

Mosaico — efeito de pintura

Material: pedras coloridas, cacos de vidro, pastilhas,  
azulejos.

Processo: direto ou indireto.

Atividades: desenho

seleção

corte

montagens

Sugestões para trabalhos:

Quadros murais, pavimentos, bibliocantos, suporte  
para pratos, mesa.

Unidade V

Montagem

Atividades: acabamento, limpeza.

Sugestões para trabalhos:

Confeção de mesas, bandejas, quadros e demais  
peças.

#### *Tecelagem Manual*

(1.º Semestre)

Unidade I

Trabalhos em papel.

Atividades: tecido em tafetá, sarja, fantasia.

Material: Tecelagem n.º 1 e 2. Edições Melhoramentos.

Unidade II

Trabalhos sobre papelão com pesponto:

1. retangular;

2. circular.

Atividades: tecido em tafetá.

Sugestões para trabalhos:

Marcador de livro, argola para guardanapo, descansos.

Unidade III

Trabalhos sobre cartões denticulados.

Sugestões para trabalhos:

Marcador de livros, descansos.

Unidade IV

Trabalhos em aparelho para tecelagem rudimentar.

Atividades: tecido em tafetá e sarja.

Sugestões para trabalhos:

Descansos, jogos americanos, almofada, tapête, bolsa.



(2.º Semestre)

## Unidade V

Trabalhos em aparelho para tecelagem — uso da cola.

Atividades: tecido em tafetá e sarja.

Sugestões para trabalhos:

Capa de livro, carteira, bolsa, costureira, estôjo para talher, jôgo americano, almofada, tapête.

## Unidade VI

Nelly-bee.

Atividades: tecido em tafetá.

Sugestões para trabalhos:

Descansos, jôgo americano, manta, peças para o vestuário, bolsa, bonecos.

## Unidade VII

Weave-it.

Atividades: tecido em tafetá e fantasia.

Sugestões para trabalhos:

Manta, cobre-leito, peças de vestuário, bonecas.

*Diretrizes didáticas*

O trabalho deve ser orientado em um sentido:

educativo;

técnico;

utilitário;

artístico;

prestando-se pois a:

formar bons hábitos;

fornecer conhecimentos gerais e técnicos.

Na confecção da tarefa observar-se-ão atividades como:

a) motivação;

b) projeto;

c) estudo da matéria-prima (origem, zona de produção, tratamento, conservação);

d) estudo do ferramental (nomenclatura, uso, conservação);

e) confecção;

f) verificação.

Nota: 1. a verificação terá caráter de análise crítica, pelo aluno e professor.

2. A realização do trabalho deverá basear-se em projeto de inspiração do aluno, dentro de um caráter prático e funcional, obedecendo às normas de bom-gosto.

O professor lançará mãos de variado material didático como:

observação e estudo de modêlos vivos;

visitas a museus e exposições de arte;

visitas a fábricas e oficinas;

ilustrações através de revistas e livros técnicos e de arte;

filmes e *slides*;

exercício de desenho livre e aplicado à técnica.

2. Sugestão para trabalhos.

As sugestões deverão ser enriquecidas e variadas de acôrdo com:

exigência da época;

evolução de métodos e processos;

experiência do professor;

necessidades regionais e da escola.



4. No decorrer das atividades serão indispensáveis:
- ordem;
  - asseio;
  - economia;
  - exatidão.

*Critérios e meios de avaliação da aprendizagem*

(Sugestões)

A avaliação da aprendizagem em Artes Industriais, far-se-á por meio da observação direta e contínua do professor, durante o curso de execução dos trabalhos.

Para essa avaliação considerar-se-á os seguintes elementos:

- a) fidelidades às medidas e limites de tolerância;
- b) qualidades de acabamento;
- c) tempo gasto na execução;
- d) gosto artístico.

Nota: o aluno deverá realizar com eficiência, pelo menos 50% dos trabalhos previstos no programa.

## Programas de Artes Plásticas

(Para currículo de uma aula por semana em cada série).

I ano — Técnica das artes plásticas em geral — Desenho do natural — Modelagem — Técnica elementar — Desenho de memória — Animais — Flores — Frutos — Meios de transportes — Brinquedos — Desenhos de imaginação — Cenas presenciadas ou imaginadas — Técnica de guache — Lápis de cor — Valorização da arte como processo educativo.

II ano — O desenho e a criança — Esboços simples de diferentes tipos de habitação — Teste de F. Goodnough e similares — Educação pela arte — Escola de Herbert Read — O desenho e a evolução mental da criança — Cartoagem — Técnica de modelagem aplicada ao Curso primário — Recorte — Recomposição de gravuras — Técnica de guache.

III ano — Uso do normógrafo — Diferentes alfabetos simples — Aspectos psicológicos do desenho infantil — Técnica e confecção de cartazes — Material didático — Ilustração original de pré-livros — Técnica e construção de fichas para ensino de leitura e aritmética — Ciências sociais — Ciências naturais.

— Construção de jogos aplicáveis às diversas disciplinas do Curso primário e pré-primário.

Programa "A" para currículo de duas aulas semanais no 3.º ano do Curso.

A:

- I — Educação artística e formação estética da criança;
- II — O material e o menino;
- III — Do grafismo à mancha.

B:

- I — Os recortes — papel picado — papel de jornal — papel colorido;
- II — Murais: características — Mosaicos e vitrais;
- III — Sombras chinesas — Pequenos tapêtes — Progresso, de acôrdo com a idade;
- IV — As diversas colas — Suas possibilidades — A liberdade de criação — O papel do educador.

C:

- I — A arte infantil e a do adulto — A arte prefigurativa;
- II — Expressão plástica infantil — Forma de linguagem;
- III — A conquista da superfície — O adulto e o menino pintor — Educação pela arte.

D:

- I — A garatuja — Interêsse para o adulto — Especialmente para a professôra — O menino e a família;
- II — Evolução do boneco;
- III — O desenho espontâneo e o desenho atividade;
- IV — Técnicas gráficas para a criança.

E:

- I — O ensino — Auto-identificação com o menino — Técnica e processos — Importância da modelagem sôbre os primeiros desenhos;
- II — A identificação e a adaptação social;
- III — Avaliação da criação artística — Negatividade das seleções de arte infantil sôbre a educação;

F:

- I — Primeiras etapas da auto-expressão — Os meninos bem dotados;
- II — A modelagem — Evolução das criações — Inconveniência da plástica sôbre a argila;
- III — Lápis de côr — Conceitos modernos sôbre a educação pela arte;

Programa "B" para currículo de duas aulas semanais no 3.º ano Colegial Normal.

De algum modo, no terceiro ano, a cadeira de artes plásticas pode reservar metade do seu tempo para a confecção de material didático, principalmente quando o professor da cadeira, não possuindo boa bibliografia, não pode ministrar o programa "A", que se prende muito diretamente à psicologia infantil, no campo da arte.

Sempre que possível deverá o professor de artes plásticas encontrar-se com os regentes das cadeiras de metodologia para receber instruções sôbre o material a ser confeccionado, dentro de uma sintonização perfeita, para não haver quebra de unidade no trabalho escolar.

Além disso, por conta própria, poderá dar diferentes técnicas de guache, aquarela, nanquim, lápis de cêra, lápis coloridos, giz etc. É oportuno, também, ensinar o uso de normógrafo, das penas *Speed-ball* etc.

Não deve ser esquecida a perfeita técnica de cartazes, avisos, convites e programas escolares, fichas para o ensino da leitura e fatos fundamentais da aritmética, além de jogos educativos, fantoches, marionetes etc.

Havendo uma perfeita compreensão do assunto, em linhas gerais, pode o programa ser útil.

#### Conclusões:

A cadeira de artes plásticas no Curso Colegial Normal não se destina a formar artistas. Nem poderia pretendê-lo, já pela sua finalidade, já pelo número limitado de aulas desta disciplina.

É conveniente que o titular da cadeira conheça bem a psicologia do desenho infantil, ponto chave do seu trabalho, mais importante que o conhecimento das técnicas artísticas, porquanto sua função é orientar hábilmente as futuras professoras no seu trabalho com os meninos que um dia lhes serão confiados.

Não compete à professora primária ensinar artes plásticas e sim, conscientemente, sem tolher a liberdade dos seus futuros alunos, guiá-los nas suas criações, sem a preocupação da técnica que poderia roubar-lhe a espontaneidade.

Arte infantil é meio de expressão:

Não pode sofrer a interferência do adulto. Assim, mesmo o material didático poderá, na maioria dos casos, ser feito pelas próprias crianças. Elas não de sentir-se mais felizes e, estamos certos, teremos conseguido algo, nesse campo ilimitado da arte infantil.

## Programa de Canto Orfeônico

#### Objetivos gerais:

1. Preparar as professorandas para aplicar o Canto em tôdas as oportunidades de seu trabalho posterior.
  - a) o canto como meio de expressão, associado a tôdas as matérias, em caráter informal;
  - b) o canto como meio de desenvolvimento do raciocínio, da imaginação, da motricidade, do ritmo, da atenção, da educação estética, cívica, religiosa e social através de:
    - repertório organizado;
    - coleções de exercícios;
2. Atender à formação musical através de apreciações musicais e do Clube de Música;
3. Preparar as professorandas para ensaiar hinos e peças fáceis;
4. Ampliar a cultura musical através do estudo do folclore e da história da música e apreciação musical.

#### *Diretrizes Programáticas.*

##### 1.º ANO

#### Objetivos:

- preparar as normalistas para usar o canto como meio de expressão em tôdas as oportunidades, como manifestação espontânea;

— ensiná-las a preparar os instrumentos, bandinha para prepará-los e empregá-los no Jardim de Infância e no Curso Primário;

— prepará-las para ensinar o canto pelo método global e por meio de processos especializados;

#### 1.º semestre

##### Matéria.

A. Didática da educação musical no Jardim de Infância e na 1.ª série primária.

A. 1. — Objetivos do canto no Jardim de Infância e na 1.ª série primária.

A. 2. — Iniciação ao repertório do Jardim de Infância e da 1.ª série primária.

A. 3. — Canções simples uníssonas.

A. 4. — Exercícios rítmicos variados; côro falado.

A. 5. — Dança rítmica.

A. 6. — Improvisação.

Capacidade de criar através de sons musicais.

A. 7. — Dramatizações cantadas ou ilustradas, com canções.

A. 8. — Historietas simples e lendas ilustradas com canções.

A. 9. — Bandinha escolar (fabricar instrumentos da bandinha).

B. Repertório acompanhando as festas durante o ano escolar:

— Páscoa

— Tiradentes

— Dia das mães

— Festas juninas

— Dia da criança

— Dia da Professora etc.

C. Processos para o ensino globalizado da música.

Ensino por audição auxiliado pelo gráfico melódico; pelo manosolfa; pelos cartazes pedagógicos;

Material: flanelógrafo, cartazes, construção dos valores das notas em papelão etc.

#### 2.º semestre

##### Objetivos:

— preparar as professorandas para usar o canto como meio de expressão auxiliar de tôdas as matérias e como manifestação espontânea da criança;

— introdução da professoranda nos objetivos e didática do canto na 2.ª série primária;

— iniciar a formação musical através da iniciação ao Clube de Música.

##### Matéria:

A. Repertório organizado de acôrdo com as matérias do programa da 1.ª série primária.

B. Didática do canto na 2.ª série primária. Objetivos de canto na 2.ª série primária — cânones (introdução do aluno na polifonia).

C. Introdução ao Clube de Música; ensinar aos alunos a ouvir, apreciar e analisar discos bem selecionados de várias épocas, formas e estilos.

#### 2.º ANO

##### Clube de Música

##### Objetivos:

— preparar as professorandas para reger e ensaiar hinos e peças fáceis;

— ampliar a cultura musical através de estudo do folclore nacional e internacional;

— colocar um bom repertório à disposição da professora.

### 3.º e 4.º semestres

#### Matéria:

A. Didática do canto na 3.ª e 4.ª séries primárias:

1. Noções elementares de regência — linhas gerais.
2. Como formar um côro.
3. Como ensaiar hinos.

B. Repertório segundo o calendário Escolar:

Abril — Cívica — Tiradentes.

Maiο — Festiva — Dia das mães.

Junho — Festiva — Juninas.

Setembro — Cívica — Dia da Pátria.

Outubro — Festiva — Dia do Mestre.

Novembro — Cívica — Proclamação da República.

— Festiva.

#### *Audições Musicais — Clube de Música*

### 4.º semestre

#### Matéria:

Estudo do Folclore Nacional e Internacional:

— exemplos

— trabalhos de pesquisas em Bibliografia.

### 3.º ANO

#### Objetivos:

— prática dos trabalhos da 1.ª e 2.ª séries e 3.ª e 4.ª séries;

— ampliar a cultura musical através de aulas sobre História da Música e apreciação musical.

### 5.º semestre

A. 1 aula (na semana) de prática de canto — O que aprendeu sobre Didática do Canto na 1.ª e 2.ª séries, repertórios, exercícios etc.

B. 1 aula de História da Música e apreciação musical em ordem cronológica.

### CLUBE DE MÚSICA

### 6.º semestre

A. 1 aula (na semana) prática de canto.

Aplicação de didática da 3.ª e 4.ª séries primárias. Regência prática.

B. 1 aula de História da Música e Apreciação Musical.

#### *Clube de Música*

### SUGESTÕES DE ATIVIDADES

### 1.º semestre

### 1.º ANO

A. 1 — Jardim de Infância — 4, 5 e 6 anos.

As alunas-mestras devem saber as características das crianças de 4, 5 e 6 anos, suas necessidades e atividades próprias correlacionadas com as atividades musicais:

São próprios dessa idade e para essa idade:

- brinquedos de roda;
- grande necessidade de desenvolvimento da capacidade visomotora;
- material de carpintaria: pregos, martelos, madeira (macia), serrote.
- material para dramatizações;
- discos e instrumentos para a bandinha.

Objetivos: enriquecer, desenvolver e imitar sons variados.

Dar expansão aos seus gestos e sentimentos;

experimentar o prazer de produzir e imitar sons variados.

**CENTRO DE MÚSICA:** instrumentos que podem ser adquiridos ou feitos em casa. Paus, colheres, tubos de vidro de vários tamanhos, garrafas, contendo diferentes quantidades de água, tambores, triângulos, sinos, maracás etc.

As alunas-mestras serão levadas a pesquisar na bibliografia indicada e coleccionar as canções para as aulas de prática.

Questões: como se motiva uma canção?

- Um ritmo?
- Uma dramatização dentro do espírito de cada unidade?

A.1 e A.4. Sugestões de atividades para a 1.ª série primária.

Características psicológicas da criança de 7 e 8 anos.

— Levar a aluna-mestra a "passar" por todos os exercícios rítmicos, a fim de poder transmiti-los aos alunos posteriormente.

Ritmo é movimento e só pode ser aprendido com movimento das mãos, corpo, pés, em tipos de exercícios como:

A.4.1. ritmo sem o som — batida do pé e palmas, batidas de lápis ou outro objeto:

Pesquisa no livro "Ensine Cantando" (Secretaria de Estado da Educação).

Outras sugestões:

- a) nome dos alunos com ritmo;
- b) frases pequenas de músicas conhecidas — com movimentos de partes do corpo — caminhar e bater ritmos com variáveis. Caminhar em compasso binário e bater 3 — 4 — 5 palmas por compasso;
- c) crescendo e decrescendo  
movimento da florzinha, no princípio, botões à medida que CRESCE, abrem-se os braços — fecha-os no DECRESCENDO;
- d) frascado com gestos: dó ré mi fá sol fá mi ré dó com CRESCENDO e DECRESCENDO;
- e) reger (desenhar o que sugere uma música tocada no piano ou na flauta);
- f) relóginho — reconhecer os relógios pela música;  
— relógio pesado e grande — fazer o pêndulo com o prazo inteiro bem relaxado e pesado (uma mínima)  
— relógio médio com a mão (semínima);  
— relógio de pulso — movimento de dedo — para baixo e para cima;
- g) pulos: 1 pesado e 2 leves;
- h) exercícios com piano — correr e parar e andar lentamente com variações do piano;
- i) variações de piano para forte: piano (P) braços encolhidos junto ao corpo;
- j) trezinhos: (3 trezinhos);  
o primeiro: mínima  
o segundo: semínima  
o terceiro: colcheia  
acelerando e diminuindo;

k) caminhar:

1. andar (mínima)

(sem fazer barulho).

bater (cheias semínimas)

2. andar:

bater: uma mínima

uma quiáltera de 3 semínimas

A. 5. Danças usar a seguinte bibliografia:

Manual de danças gaúchas — 2.<sup>a</sup> edição — 1961 —  
Paixão Cortes e Barbosa Lessa.

Irmãos Vitale

Iris Novais Costa e outros: "Vamos brincar de roda".

Heckel Tavares — "Seis canções infantis sobre temas de roda."

Nota: A professora deverá ampliar essa bibliografia e fazer trabalhos de pesquisas.

A. 6. Improvisação: bibliografia indicada. "Ensine Cantando" da Secretaria de Estado da Educação.

A. 7. Dramatizações cantadas: pedir às alunas-mestras que componham dramatizações sobre temas infantis movimentadas, pouco extensas e musicalizadas.

Despertar-lhes a imaginação e o senso crítico.

A. 8. Sugerimos as mesmas atividades de A. 7.

A. 9. Bandinha escolar — Como formar uma bandinha.

Como fabricar alguns instrumentos.

Bibliografia indicada: "Ensine Cantando" (Secretaria de Estado da Educação).

"O Mundo da Criança" — Volumes VIII, XI e XIV.

Tôdas essas atividades são exemplos de sugestões que as professorandas poderão desenvolver posteriormente com exercícios e pesquisas. Organizar um repertório é útil e importante para a formação de critérios básicos:

Como organizar um Clube de Música:

O Clube de Música tem caráter cultural e recreativo. Constará das seguintes atividades:

— coral de várias vozes;

— audições musicais comentadas;

— banda;

— se possível, formação de uma pequena orquestra;

— operetas.

Tôdas essas atividades completam-se e atendem à maioria dos alunos:

— Os que não gostam de cantar, passam à banda, à pequena orquestra ou à opereta.

Coral de várias vozes:

Regularmente é organizado como um Clube, com diretoria e estatuto.

Dêle fazem parte os que gostam de cantar e para isso têm habilidade. O repertório deve constar de músicas autênticas para que os alunos sintam os efeitos de uma boa harmonização. Os hinos que dêle poderão constar tradicionalmente devem ser ensaiados com musicalidade. Isso vai depender do bom gosto do orientador musical ao escolher um excelente repertório dentro de uma coletânea rica e vasta de obras para canto coral. A história da música o testemunha, desde a época medieval, renascentista até nossos dias, inclusive peças de nosso folclore. O orientador musical poderá encaminhar os alunos em uma pesquisa sobre esse repertório e em uma escolha inteligente desse repertório.

O coral, se não dirigido por um professor especializado, será dirigido por uma pessoa de reconhecida capacidade dentro da comunidade.



É uma das atividades que favorecem o espírito de cordialidade, formam hábitos de liderança, aprimoram o senso estético, o domínio de si e a noção de responsabilidade com relação ao grupo.

Serve de intermediário entre a escola e a comunidade, quando canta em associações, clubes, televisão, rádio etc.

#### Audições musicais comentadas:

A Escola deve ter uma sala de música ou um auditório provido de uma eletrola com discoteca.

As audições musicais devem ser organizadas de modo que todos os alunos tomem parte ativa. Pode ser organizada uma ficha individual que será distribuída para os alunos, de modo a ser preenchida durante a audição.

#### Formas de Audições

##### I)

— Discos de um compositor, exemplo: Mozart (sinf. n.º 40 e a Flauta Mágica).

— Comentários ou preleção sobre a vida de Mozart pelo professor e aluno.

— Forma de sinfonia: comentário sobre sinfonia.

— Forma da ópera: comentário sobre ópera.

— Estilo de Mozart: trechos mais expressivos.

— Época da vida de Mozart em que foram criadas essas duas peças.

Outros exemplos: Sonatas de Beethoven.

Sinfonias de Beethoven etc.

##### II)

Discos de três ou mais compositores da mesma época:

Ex.: a) Bach e Haendel.

b) Brahms, Schubert e Schumann.

c) Vivaldi e Corelli.

d) Palestrina e Victória.

— Comentários ou preleção sobre a vida de cada compositor.

— Localização na história e na história da música, dos compositores e obras.

— Formas da sonata, sinfonia, lied ou madrigais etc.

— Comentários.

— Estilos: semelhanças e diferenças.

##### III)

— Discos de compositores de duas ou três épocas diferentes, ex.:

a) Cantata de Bach (barroco-religiosidade);

b) romantismo: Chopin. Música como arte de expressar os sentimentos por meio dos sons;

c) Impressionismo: Debussy — Introversão.

a) Corais da Renascença; comentários sobre a Renascença — humanismo; toda a arte na Renascença;

b) discos corais gregorianos, para mostrar a contraposição com o espírito e descobertas renascentistas. Uma linha melódica; religiosidade; povo e arte em função da Igreja.

Evolução, descobertas, influência da época histórica da filosofia etc.

Discos de épocas remotas: idem libertação de moldes antigos.



IV) Comentários sobre os instrumentos da banda ou da orquestra. Se a Escola dispõe desses instrumentos será uma audição animada e interessante.

Discos de onde se pode tirar timbres dos variados instrumentos.

Desenvolver o espírito da análise.

Ex.: peças em que a linha melódica é cantada e repetida nos vários naipes de cordas; instrumentos que claramente se tornam *andori* em toda a peça.

Um exemplo: os violoncelos nos Concertos de Bradenburg de Bach e nas Bachianas de Villa Lobos.

V) Compositores brasileiros.

Villa Lobos, sua vida e algumas de suas obras. Ernesto Nazaré, (devido ao seu centenário em 1963).

Francisco Mignone, Camargo Guarnieri e outros. Bandas: banda musical e bandinha.

Banda musical: escolha de um bom regente; escolha de um bom repertório; escolha livre pelos alunos dos instrumentos que desejam tocar. Explicação dos timbres dos instrumentos.

Bandinha: a professora pode fazer com as alunas-mestras, uma vez construídos os instrumentos da bandinha.

Pequena orquestra:

A sala de música deveria conter um instrumento de cada naipe.

Opereta: envolve música e teatro em larga escala. Vantagens: — rica em oportunidades educacionais à participação do estudante: encenação, canções, costumes, movimentações, palco etc. — É uma atração para a comunidade.

Desvantagem: limitação de experiência com boa música, preparação musical rápida, sem cuidado.

## Programa de “Educação Cívica” — Introdução

Parece, à primeira vista, estranho que apareça nos currículos escolares uma cadeira específica para a formação do cidadão, uma vez que a finalidade da escola é a educação integral do educando alcançada através das inúmeras experiências sugeridas pelas disciplinas que compõem a vida escolar.

A educação integral da criança, ou mais especificamente a formação total do cidadão não se faz apenas e estritamente através de uma disciplina, mas do resultado comum de um todo harmonioso em finalidades.

Sem, pois, nos esquecermos de que a educação cívica é tarefa de toda a escola, isto é, de todas as disciplinas, em todo o tempo e a todo momento, devemos-nos lembrar que o conhecimento sistemático de uma área, paralelo à vivência de práticas específicas, constituiu uma necessidade em qualquer currículo.

Assim, a cadeira de “Civismo”, num programa escolar, de formação de professores-primários vem dar oportunidade de levar o estudante não somente à prática da boa cidadania pela prática dos deveres e conduta do bom cidadão, como também instruí-lo sobre assuntos básicos e importantes, à formação do seu intelecto, da sua consciência cívica, da sua consciência humanística. Já não é novo aquele pensamento de que quanto mais se conhece, melhores condições de aprimoramento podem ocorrer. O professor primário, bem formado e informado, poderá ser conseqüentemente, um instrumento seguro e capaz, atento e consciente, para com os problemas da formação da cidadania de seus alunos.

O termo cidadania, num sentido mais restrito, nos lembra a condição legal do indivíduo em um país e as atividades inerentes ou estreitamente ligadas às funções políticas, como por exemplo, o voto, a organização do governo, as responsabilidades e direitos legais e muitas outras. Segundo alguns educadores (\*), cidadania, quando relacionada à escola tem duplo sentido, ou melhor, tem uma significação mais ampla: "o cidadão vive dentro da conjuntura de um complexo altamente intrincado de interesses, atividades e associações; qualquer empreendimento que o capacite a viver com sucesso numa sociedade democrática, quando ela realmente existe, deve dar a atenção à escola inteira de relações — políticas e outras — pois que essas relações e associações são a essência da cidadania. Elas são as relações que fazem a urdidura e drama da vida democrática numa comunidade". Assim pensando, vemos que a cidadania na escola significa relações do indivíduo com o seu governo e, mais ainda, suas relações com outros membros e grupos numa sociedade democrática. Esta teoria vem confirmar o pensamento de educação em nossos dias sobre o crescimento e desenvolvimento do indivíduo, como um organismo total: daí a inoportunidade de dissociar qualquer aspecto do crescimento do indivíduo, com o político, por exemplo, do seu crescimento como um todo.

Por outro lado, é importante lembrar também, que sendo a finalidade deste estudo a própria criança, de todas as idades, na escola primária, deve ele acomodar-se às suas exigências e possibilidades; e, na escola primária, muitas das implicações políticas de cidadania estão além do nível de maturidade das crianças. Preparar situações, dar oportunidade de vivência, para que o aluno aprenda a ser bom cidadão, isto é, cidadão como criança, deve constituir a primeira preocupação e o primeiro objetivo da escola: o fato de saber desempenhar pequenas responsabilidades, de saber ser responsável, quando assume compromissos, de saber

(\*) C. Curriculum for Citizenship — Arnot R. Meier, Florence Damon Cleary, Alice M. Davis — Detroit — 1952.

cooperar com os colegas nas situações diárias da escola, de saber liderar e ser liderado, de saber penetrar nos problemas que lhe são afetos, de usar o pensamento crítico em discussões, saber escolher, respeitar decisões e respeitar autoridades constituídas, de compreender o sentido real do que seja ser cidadão, de engajar-se nas inúmeras situações sociais, constituem práticas desejáveis para a formação do comportamento democrático da criança. Paralelamente a tais habilidades, atitudes de responsabilidade, cooperação, respeito a outros, iniciativa, lealdade, participação e muitas outras se formam e formam o aluno, o colega, o companheiro. Na escola, esse programa, sendo dinâmico, é básico e imediato e promove transferência para a vida da comunidade. A criança é levada a conhecer as boas qualidades que identificam o bom cidadão, incorporando-as a sua maneira de ser e de pensar para confirmá-la, depois, numa perspectiva mais longínqua, de vida adulta. Ele sabe que o bom cidadão tem qualidades apreciáveis:

1. Imprime lealdade aos ideais de Democracia: pauta a sua vida de acordo com os valores desse ideal; e tudo faz para a preservação do mesmo, tem fé na capacidade dos homens em dirigir-se e dirigir os destinos da nação.
2. O bom cidadão respeita e considera a personalidade humana: todas as pessoas têm certas necessidades humanas básicas, como a necessidade de afeição, sucesso e confiança; necessidade de tomar responsabilidade em cooperação com outros; necessidade por um nível de vida, uma segurança econômica, que favorece saúde adequada, recreação e abrigo; necessidade de ser livre para assegurar seu processo de escolha e decisão; necessidade de auto-respeito etc. Ele acredita na habilidade do homem para resolver problemas através da sua inteligência.
3. O bom cidadão é consciente do bem-estar para todas as pessoas: acredita que a cultura humana pertence a todos os homens; acredita que todas as pessoas devem ter igualdade de oportunidade; ele pratica a solidariedade

entre as pessoas e os povos em geral; êle é sensível aos problemas dos outros; êle não tem preconceito de raça, religião, côr, credo político; não acredita em superioridade de raças; compreende, conhece e aprecia as diferentes contribuições de várias culturas para o progresso da civilização internacional.

4. O bom cidadão compreende que deve importar-se com problemas sociais e tenta ajudar na sua solução: penetra nas questões problemáticas, econômicas e políticas da sua comunidade, do seu estado e do seu país; êle compreende o papel do govêrno, diante das necessidades do povo, e compreende a responsabilidade e cooperação do povo na obra do govêrno, não apenas pelos atos legais de pagamentos de taxas e direito do voto, mas pela compreensão moral de cooperação e ajuda na obra governamental.

5. O bom cidadão usa seus conhecimentos e suas habilidades para facilitar o processo da vida democrática: procura integrar-se ao ambiente em que vive e com o qual lida, sabe conviver com os outros, cultiva as boas relações humanas, é socializado e sociável, e aplica bem os conhecimentos adquiridos para auto-realizar-se.

A Educação Moral e Cívica tem por objetivos:

1. Imprimir no homem a convicção do dever e do amor à terra em que nasceu.
2. Formar o cidadão democrático, pelo conhecimento e pela vivência de processos democráticos.
3. Ganhar visão dos valores morais, espirituais e éticos como forças no comportamento humano e nas relações humanas.
4. Desenvolver compreensão básica sobre democracia, acreditando na liberdade fundamental do homem e vivendo-a através dos processos democráticos.
5. Penetrar nos problemas locais ajustando idéias e comportamentos e cooperando eficientemente para melhores condições de vida do grupo e da Comunidade.

6. Informar o cidadão sobre os símbolos da Pátria e como respeitá-los.

7. Promover a cultura cívica, dotando o indivíduo de conhecimentos necessários sobre os direitos e obrigações prescritos na Constituição de seu país, sobre govêrno, comunidade, democracia, soberania e tantos outros indispensáveis à consciência do cidadão.

8. Penetrar em problemas e situações nacionais e internacionais, como oportunidade para desenvolver pensamento crítico, compreensão internacional e apreciação dos esforços dos homens e das nações para resolver problemas sociais.

## Conteúdo Programático de Educação Cívica Para a Escola Normal

### 1.º ano de formação

I. Educação Moral e Cívica como prática educativa: Natureza formativa — Natureza informativa — Objetivos específicos — Que é ser bom cidadão — Responsabilidade e deveres do cidadão: como aluno — como filho — como pessoa da comunidade.

### II. Vultos Nacionais.

O sentido do seu culto — Apreciação da influência humana, social e histórica dos vultos importantes do Brasil-Colônia, Império, 2.ª e 3.ª repúblicas, nas armas, nas ciências, nas artes, na educação, na política: Anchieta, Cairu, Tiradentes, Bárbara Heliodora; Pedro I — José Bonifácio, Teófilo Otoni, Caxias, Rio Branco, Visconde de Mauá, Padre Feijó, Castro Alves, Carlos Gomes, Princesa Isabel, Pedro II, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Rui Barbosa, Marechal Floriano Peixoto, Osvaldo Cruz, Santos Dumont, Olavo Bilac, Machado de Assis, Lafayette, Pandiá Calógeras, Osvaldo Aranha, Vital Brasil, Francisco Campos, Vila Lobos, Portinari, outros de interesse local.

### III. Símbolos da Pátria.

Conceito de Pátria — os símbolos da Pátria — Bandeira, Hinos, Armas e Selo: Histórico — Simbologia — Cerimonial.

### IV. Comemorações cívicas.

O sentido de sua significação — Exteriorização do sentimentalismo e consciência cívica verdadeira — Comemorações cívicas de um ano escolar — Como realizá-las.

### V. Família.

O sentido de responsabilidade e cooperação na família — As transformações sociais. A Tecnologia e as suas repercussões sobre a vida da Família. Exigências da vida moderna em face da Família — A Família e a Escola — O papel da Escola na preservação da integridade da Família.

### VI. Escola.

A contribuição da Escola para a formação e socialização do indivíduo na Família, na Igreja e na Comunidade — Atividades próprias.

Campanhas Educativas e Assistenciais.

Conselho de Estudantes.

Clubes em Geral — As Instituições previstas no art. 115 do Código do Ensino Primário.

Comemorações cívicas.

Responsabilidades do aluno para com a sua escola.

Responsabilidades mútuas entre Escola e Comunidade.

### 2.º ano de formação

#### I. Comunidade.

A) Conceituação — Natureza e significação.

B) Estrutura de uma Comunidade:

1. Fatores que explicam uma Comunidade:

— Sua feição natural

— Seu povo

Sua organização social.

2. Influência desses fatores na vida da Comunidade.

## C) A vida numa Comunidade:

1. Recursos económicos básicos — Exploração e aproveitamento.
2. Trabalho — Comércio — Indústria — Ocupações — Profissões.
3. Recreação — Religião.

## D) Direito e dever de cidadania:

1. Responsabilidade do Governo para o bem-estar da Comunidade.
  - Proteção à saúde.
  - Oportunidade de melhores condições de vida para a família — Asseguramento de educação — Outras.
2. Responsabilidades do cidadão para com o Governo.
  - Compreensão e apoio às boas iniciativas do Governo.
  - Cooperação nas ações e serviços do Governo.
  - Pagamento de impostos e taxas — Taxas.
3. Responsabilidade do cidadão para com a sua Comunidade.
  - Deveres civis
  - Deveres sociais, éticos-morais
  - A necessidade e a importância do desenvolvimento do espírito comunitário.
4. Situações que trazem problemas sociais, numa Comunidade.

E) Conhecimento da própria Comunidade.

F) Visão dos Problemas Sociais Locais.

## II. Nação.

A) Conceituação — Soberania de uma Nação — Tipos de regimes.

B) Organização político-administrativa do Brasil: União — Estados — Territórios — Municípios — Distritos.

1. União: Organização Político-Administrativa.

Regime Político atual do Brasil — Teoria dos Três Poderes — Harmônicos e Independentes:

Constituição Brasileira — Finalidades — Organização — Leitura e comentários das partes.

2. Estados: Organização Político-Administrativa do Estado de Minas Gerais.

Principais atribuições e Planos Administrativos.

O Estado educador.

Monopólio Estatal.

Liberdade de ensino — Escola Pública e Escola Privada

Os Serviços Públicos Estaduais:

— Educação e Saúde Pública — Educação e Cultura.

— Agricultura e Pecuária.

— Viação — Comércio e Indústria — Transporte — Energia — Segurança Pública.

— Finanças — Impostos e Taxas como meios de manutenção dos Serviços Públicos — Arrecadação e despesas — Orçamento estadual.

3. Territórios: Conceituação — Organização Político-Administrativa.

4. Municípios: Conceituação — Organização Político-Administrativa.

O Executivo: Prefeito — Funções — Serviços Municipais — Impostos e Taxas.

O Legislativo: A Câmara dos Vereadores — Leis do Município.

Os Distritos: Conceituação — Emancipação.

## 3.º ano de formação

## I. Cidadania.

Conceituação.

Declaração dos Direitos do Homem.

Cartas das Nações Unidas.

Compreensão Internacional.

O.E.A. — O.P.A. — O.N.U. — A.P.P.

## II. Democracia.

A) A natureza do governo democrático.

Conceituação — Tipologia.

Forma de Governo compatível com a pessoa humana:

Os fundamentos em que se assenta a natureza do governo democrático:

— Escolha pelo povo de seus representantes.

— Temporariedade dos mandatos.

Oportunidade de participação na vida pública.

— Liberdades asseguradas.

B) A Democracia em contraposição às formas de ditadura.

C) Visão do histórico da Democracia.

D) A Democracia no Brasil.

Sistema presidencialista de governo no regime democrático.

Teoria dos Três Podêres Independentes e Harmônicos.

A Constituição Brasileira — Análise Interpretativa — Histórico das Constituições Brasileiras.

E) A Escola e a Democracia:

Práticas democráticas escolares para a formação do comportamento democrático do cidadão.

— Clima democrático da Escola e da sala-de-aula.  
— Boas relações humanas entre: Diretora e Professora — Professoras e alunos.

— Liderança.

— Trabalho de grupo — Habilidades necessárias para a formação do comportamento democrático.

— Uso do pensamento crítico para a solução de problemas.

— O Conselho dos Estudantes como órgão ativo para compreensão e treinamento do comportamento democrático.

## O PAPEL DO PROFESSOR NO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA

Sob a denominação de "Práticas Educativas" está o Programa de Educação Moral e Cívica no currículo da Escola Normal. Analisando esse programa, percebemos um conteúdo sistemático a ser conhecido e desenvolvido. Como encará-lo, pois? Matéria de conteúdo ou matéria de formação? Aulas específicas ou práticas de civismo? Programa desenvolvido pelo professor ou vivido pelo aluno? Todas essas proposições constituem verdades num programa cuja finalidade precípua é formar o cidadão. Queremos pois lembrar aos caros professores que este programa será essencialmente de "vivência" e não de "preleções". Para praticar ou viver situações, no entanto, são necessários objetivos definidos a ser alcançados. Daí o conteúdo sistemático que nos mostra a direção a ser tomada para que, sendo o aluno "informado", possa melhor viver as situações e conseqüentemente ser mais bem formado o cidadão. Essa busca de conhecimentos não lhe será dada formalmente pelo professor: deverá ser feita pelos próprios alunos através de atividades variadas que lhes permitam viver habilidades e formar um comportamento. No entanto, sempre que necessária, a atuação do professor deve fazer sentir-se numa palestra ou

O suprimento d'água na nossa localidade.

Assuntos especiais de estudo.

Ex.:

- Democracia
- Direitos e obrigações na democracia
- Que representa a comunidade
- Cidadania: Leitura da Constituição
- Apreciação da influência humana, social e histórica de vultos nacionais.

Acontecimentos eventuais, nacionais e internacionais.

— Outros.

Processos de estudo.

Professor e alunos.

### 3. Jornal Falado Semanal.

Objetivos:

selecionar problemas sociais importantes da semana para comentário.

Tirar conclusões sobre as responsabilidades e direitos dos cidadãos com relação a esses problemas.

Refletir e discutir sobre os problemas que emergem das situações sociais criadas pela vida moderna.

Conteúdo:

as grandes manchetes da semana que identificam problemas da localidade, do Estado ou do País.

Processo de estudo.

Comissão de alunos.

### 4. Quadros Murais de Exposição.

Conteúdo:

a) Recortes de jornais.

b) Gravuras, fotografias e clichês que identificam situações de estudo ou fatos ocorridos no País e no mundo.

c) Reportagens, trechos de artigos importantes relacionados aos assuntos de interesse nacional ou internacional em estudo.

d) Desenhos e caricaturas.

Processo de estudo.

Comissão de alunos.

### 5. Conselho de Estudantes.

Objetivos:

Viver processos democráticos de liderança, representação, uso de propaganda, votação, decisões comuns, — desenvolver espírito de iniciativa.

— Desenvolver o pensamento crítico e a capacidade de solução de problemas.

— Desenvolver outras atitudes e habilidades necessárias à formação cívica do aluno.

Conteúdo:

— Interesses dos alunos.

— Problemas da Escola.

Processo de estudo.

Relações entre os representantes de classes e de séries.

Assembléias-gerais.

### 6. Clubes de Civismo. Exemplo:

Departamento de Recreação

Departamento da Comunidade

Departamento de Comemorações Cívicas

Departamento de Conservação

Outros, segundo a necessidade e o interesse local.

Objetivos:

— Compreender o sentido real do que seja bom cidadão.



— Valorizar e apreciar a tradição histórica de sua terra como força propulsora.

— Desenvolver o comportamento cívico-democrático.

— Desenvolver o espírito de iniciativa e independência.

— Dar oportunidade para viver habilidades cívico-sociais exigidas nas cerimônias cívicas. Conhecer o cerimonial da Bandeira e Hino Nacional.

— Aproveitar a Semana da Pátria para refletir e debater problemas do momento atual, estabelecendo possíveis considerações entre as épocas respectivas dos fatos e interpretando os fatos segundo a época.

— Desenvolver variadas atitudes e habilidades sociais.

#### Conteúdo:

— discussões e planejamento de excursões e viagens de estudo, festas sociais e esportivas;

— discussão e planejamento sobre assuntos e projetos relacionados às relações entre Comunidade e Escola;

— participação em serviços da Comunidade;

— em setores de trânsito;

— em setores da Prefeitura;

— em comitês de melhoramentos do bairro e outros;

— discussão e planejamento de atividades para comemorações cívicas, solenidades, palestras etc.

— projetos relacionados à conservação da escola, de materiais da comunidade etc.

#### 7. Excursões:

A museus e monumentos históricos, a exposições periódicas da comunidade, a cidades históricas ou outras de interesse de estudo.

#### Objetivos:

1. Apreciar e valorizar a obra do passado e a história de sua terra.

2. Ver a necessidade de conservação e preservação das obras e do passado histórico de sua Pátria.

#### 8. Cartazes:

trechos, generalizações e *slogans*.

#### Objetivos:

Fixar conceitos e generalizações para melhor inferência da aprendizagem.

#### Conteúdo:

— assuntos de conduta moral e cívica;

— conhecimento sobre Democracia, Cidadania e outros;

— campanhas educativas;

— processo de estudos;

— comissão de alunos.

#### 9. Campanhas educativas:

#### Objetivos:

Desenvolver o sentimento de solidariedade;

— desenvolver o espírito de iniciativa;

— a sensibilidade para a solução dos problemas de outrem;

— a compreensão da necessidade de colaboração com o governo na solução dos problemas sociais.

#### Conteúdo:

— assistência a favelados;

— natal dos pobres;

— campanha de alfabetização e outras.

Processo de estudo.

Alunos.

Professores e alunos.



## 10. Observação dirigida.

## Objetivos

Desenvolver o espírito de observação.

Desenvolver o pensamento crítico e a capacidade de solução de problemas.

## Conteúdo

— sobre direitos e obrigações de um cidadão de país democrático;

— sobre aspectos de vida num país democrático;

— o trabalho das classes governantes, para o bem comum;

— outros aspectos.

Processo de estudo.

Professor e alunos

## 11. Aula específica.

## Conteúdo

— Assuntos específicos do Programa, selecionados pelo professor.

Processo de estudo.

Palestra do Professor.

## Programa de Educação Física, Recreação e Jogos

### PARA O CURSO COLEGIAL NORMAL.

## Objetivos Gerais:

Atender às necessidades da aluna em sua formação profissional e pessoal:

a) desenvolver e propagar os conhecimentos técnicos relativos à Educação Física Infantil;

b) orientação didática para uso adequado das diferentes atividades físicas recreativas;

c) prática de atividades formativas e recreativas.

### 1.º ANO

Objetivos: 1 — familiarizar a aluna com a importância da Educação Física na Educação Integral; 2 — dar-lhe noções sobre o valor da recreação nos cursos pré-primário e primário.

## Parte teórica:

1 — a Educação Física no quadro geral da Educação; moderno conceito biopsico-social;

2 — a Educação Física e a recreação nos cursos pré-primário e primário; importância e objetivos;

3 — efeitos dos exercícios sobre o organismo;

4 — atividades físicas recreativas: brinquedos cantados, danças folclóricas e jogos;

5 — atividades naturais;

6 — a imitação e os exercícios mímicos.

Parte prática:

I — Atendendo à aluna:

a) sessões de ginástica formativa;

b) sessões de grandes jogos.

II — Atendendo ao programa da recreação infantil:

a) brinquedos cantados;

b) danças folclóricas nacionais;

c) pequenos jogos.

## 2.º ANO

Objetivos:

Dar à aluna conhecimentos didáticos de recreação, iniciando-a na elaboração de planos de aula e orientação de recreios-escolares.

I — Parte teórica:

1 — “Esquema padrão” (plano modelo de uma sessão de Educação Física).

2 — Elaboração de planos:

— sessão de jogos;

— sessão de atividades rítmicas;

— sessão de brinquedos cantados;

— sessão de danças folclóricas;

— sessão de dramatização (entrosamento com as demais matérias);

— sessão de ginástica.

3 — Orientação do recreio escolar.

4 — Recreação:

a) conceito e fundamentos;

b) objetivos:

educação integral

educar para lazer

educar para a vida na democracia; preparação de líderes

despertar interesse para outras atividades e aquisição de novas habilidades;

c) a recreação em função do desenvolvimento da criança.

II — Parte prática:

1) Atendendo à aluna:

a) sessões de ginástica formativa;

b) sessões de grandes jogos.

2) Atendendo ao programa de recreação infantil:

a) sessão de brinquedos cantados;

b) sessão de danças folclóricas;

c) sessão de pequenos jogos;

d) sessão dramatizada (ginástica historiada);

e) sessão de grandes jogos.

## 3.º ANO

Objetivos:

Dar à aluna a compreensão do valor educacional dos jogos.

Organização do plano anual de trabalho e direção de aulas.

I — Parte teórica:

1 — Plano anual de trabalho;

2 — Festas escolares e sua organização;

## 3 — Jogos:

- a) objetivos, classificação e valor educacional;
- b) socialização da criança por meio do jogo;
- c) tipos de jogos;
- d) competição: valores positivos e negativos.

4 — Direção de classe nos cursos pré-primário e primário.

5 — A boa postura na criança: prevenção e correção das principais atitudes viciosas.

## II — Parte prática:

## 1) Atendendo à aluna:

- a) sessões de ginástica formativa;
- b) sessões de grandes jogos.

## 2) Atendendo ao programa de recreação infantil:

- a) atividades aplicáveis às festas escolares;
- b) direção de classe.

GENERALIDADES**Recursos Naturais e sua Conservação**

*"Não nos interessa mais a conservação de nossos recursos naturais, nossas fontes já podem ser substituídas pelas de outros planetas.*

*Poderemos, então, entrar em qualquer loja comercial e pedir ferro de Marte ou de Vênus. Teremos o direito de escolher minerais, combustíveis, água e porque não, até um pouquinho de solo da lua."*

*Terezinha Lopes Araújo*

Quando vejo o homem aproveitando tão mal nossos recursos naturais, chego a imaginar que é este o pensamento que o domina atualmente. Às vezes admito, ainda, a idéia de que ele não tenha sido despertado, quando criança, para o problema do esgotamento dos elementos da Terra, daí sua maneira errada de agir.

Pensando assim, sinto em cheio nossa responsabilidade, como professoras, em levar às crianças, desde cedo, o conhecimento dos recursos naturais de nosso País e como conservá-los.

Há milhões de anos a Terra vem fornecendo os elementos necessários para subsistência, e bem-estar do homem. Ela é um vasto armazém de materiais, alguns dos quais tendem a desaparecer se o homem não aprender a controlar o seu consumo.

Estes materiais são encontrados principalmente no solo e subsolo do nosso planeta.

Eles constituem a riqueza natural de nosso País e são comumente conhecidos como "Recursos Naturais". Um

País é considerado rico se possui recursos naturais em abundância; e pobre em caso contrário. No entanto o Brasil tendo todos estes elementos, que é de nosso conhecimento, ocupa um lugar de destaque na grande lista de países pobres... subdesenvolvidos...

A população que cresce dia a dia e a utilização descontrolada dos recursos naturais pelo homem estão ameaçando de esgotamento o nosso imenso estoque natural.

*As florestas, as reservas de água, a fertilidade do solo, os minerais e os animais* constituem a base para manutenção do padrão de vida de qualquer povo.

*Florestas* — A conservação das florestas concorre para equilibrar o fluxo de nossas reservas de água assim como a fertilidade do solo. Conservando as florestas estamos protegendo solo, água, animais e madeira. O consumo de madeira, no mundo inteiro, está crescendo de maneira assustadora. Vivendo no campo ou na cidade é importante o papel da árvore em nossa vida. Esta revista por exemplo, começa como madeira. Ela necessita de cerca de um quilômetro quadrado de floresta para uma edição mensal. Nosso mobiliário, nossa roupa, combustíveis, podem ter começado numa floresta. Até mesmo o animal que nos fornece a carne teve sua alimentação vegetariana. Estamos cercados de madeira de todos os lados.

São as florestas ainda que mantêm a água e evitam a erosão nas encostas. A chuva que cai num solo coberto de folhas tem mais possibilidade de penetrar na terra do que a caída em solo desprovido de cobertura vegetal. Ao cair na terra, a água, não encontrando nenhum empecilho, pode escorrer livremente para os rios, ocasionando perigosas inundações. Nesta corrida rápida, toneladas de solo são arrastadas, produzindo a tão prejudicial erosão e o empobrecimento do solo. Retardando a passagem da água, o solo florestal tende a regular a distribuição da água nos rios. A água retida pelo revestimento vegetal infiltra-se no solo esponjoso da floresta e é depositada nas cavidades

naturais formadas pelos vegetais em decomposição. Desta maneira, não sujeita à evaporação, a água é armazenada em maior quantidade aumentando as reservas de água subterrânea e a umidade das folhas e caules mortos. Conseqüentemente, é conservado o húmus necessário à manutenção das bactérias que, decompondo a matéria orgânica, restituem ao solo os elementos retirados pelas plantas.

Assim as terras florestais protegem o solo contra os efeitos danosos da chuva, regularizam a provisão de água que atente nossas necessidades, oferecem ambiente para o desenvolvimento de bactérias responsáveis pela fertilidade do solo, além de nos fornecer terebentina, resina, corantes, celulose.

Para que as florestas nos tragam todos estes benefícios, precisam ser usadas de maneira racional. E duas maneiras racionais de explorar as florestas são: o contrôlo das queimadas e o corte seletivo. Este último consiste em não derrubar tôdas as árvores de um trecho mas conservar algumas árvores a fim de resguardar o solo contra o vento, o calor e a chuva excessiva. Além disso se uma parte da floresta é devastada enquanto a outra continua se desenvolvendo normalmente, o homem terá aí, uma fonte de renda constante.

Já está provado que os trechos de onde foram removidas tôdas as árvores estão mais sujeitos aos incêndios, porque o material desperdiçado pelo corte fica espalhado por tôda parte, o que facilita a propagação das chamas, ocasionando perda do madeiramento e a destruição do solo. O fogo produz a destruição das sementes, pequenas mudas e dos organismos, fatores importantes na fertilidade do solo. Se a floresta não fôr extinta pelo fogo ela se refaz à base de 20 a 30% (ou seja, numa floresta de 10.000 árvores há uma recuperação de 2 a 3 mil espécies sem despesa nenhuma).

*Solo* — É considerado fértil o solo que oferece um conjunto de substâncias químicas e condições essenciais ao desenvolvimento dos vegetais. São condições essenciais

exigidas pelos vegetais: permeabilidade ao ar e à água, vida microbiana ativa e um índice de neutralidade indispensável a cada planta. As substâncias químicas são os minerais, cuja presença no solo aumentam a sua capacidade de produção. Entre os minerais necessários ao desenvolvimento normal dos vegetais podemos citar: potássio, fósforo e nitrogênio.

Os dois primeiros — potássio e fósforo — são encontrados freqüentemente dissolvidos na água em condições de serem absorvidos facilmente pelos vegetais. A 3.<sup>a</sup> substância química, o nitrogênio, existe isolado no ar. Ele ocupa 79% da atmosfera. Apesar da grande quantidade de nitrogênio existente no ar ele não costuma combinar-se para formar compostos adequados à absorção das raízes. Algumas bactérias conseguem absorvê-lo do ar e cedê-lo ao solo ou às plantas. Para executar este importante trabalho elas formam intumescências ou tubérculos nas raízes das leguminosas (feijão — ervilha — trevo). As bactérias do solo penetram nas raízes destas plantas quando estão ainda bem novinhas. Associam-se de tal modo planta e bactérias que formam vida em comum, com participação recíproca dos benefícios. Enquanto as bactérias retiram do ar o nitrogênio e o colocam à disposição das plantas, estas lhes fornecem carboidratos e energia em forma de açúcar. A presença das bactérias nas raízes das leguminosas dará a estas plantas a propriedade de restituírem a fertilidade à terra gasta pelo cultivo de muitos anos seguidos da mesma plantação. Na época da colheita algumas partes das raízes morrem e os tubérculos apodrecem com elas. Desta forma os nitratos fabricados pelas bactérias juntam-se ao solo, tornando-o mais fértil do que antes. Daí a necessidade do rodízio de cultura ou mesmo do plantio consorciado de leguminosa e outra cultura, a fim de conservar a potencialidade de produção do solo por mais tempo.

A conservação ou restauração da fertilidade do solo tem sido problema constante dos agrônomos. O uso freqüente e negligente do solo vem diminuindo sua fertilidade.

Em conseqüência disto e do crescimento da população, está havendo um descontrôle entre consumo e produção. E como resultante, temos a escassez dos gêneros alimentícios e a alta do custo de vida. A população está crescendo em razão inversa à capacidade de produção do solo.

Sômente 15 cm das primeiras camadas da terra é que interessam ao agricultor conservar e utilizar, pois aí é que ficam depositados os elementos necessários ao desenvolvimento dos vegetais. Sabemos que o solo é formado pela desagregação das rochas sob o efeito de agentes físicos. Essas camadas levam milhares de anos para se formarem. Apesar de não poderem ser construídas pelo homem, elas podem ser destruídas por ele após alguns anos de uso errôneo. Não é possível tornar a terra maior, mas podemos usar inteligentemente o solo, empregando práticas de cultura que ajudem a manter a sua fertilidade.

A rotação apropriada da safra — a aradura em contôrno e a irrigação — são maneiras inteligentes ou racionais de utilizar o solo, sem diminuir sua produtividade.

A cultura em rodízio ou rotação de safra consiste na alternância da cultura de determinado terreno para que não haja destruição dos elementos essenciais aos vegetais. Após cultivar milho 2 anos seguidos num terreno, é recomendável plantar, no terceiro ano, algodão e no quarto, feijão.

O plantio em contôrno assegura a fixação do húmus, evitando o lixiviamento do solo. É um modo de evitar que a água corra em direção vertical, levando consigo toda a substância fértil. A água assim retida poderá infiltrar no terreno, prolongando, por mais tempo, a sua umidade.

O plantio em contôrno consiste na aradura e cultura em curva de nível.

A irrigação é o processo pelo qual podemos aumentar o índice de umidade dos terrenos desertos ou semi-áridos.

Espalhando água dos rios e dos poços em regiões semi-áridas o homem vem realizando verdadeiros milagres.

Na zona do Baixo e Médio São Francisco, as águas represadas da Barragem das Três Marias, vêm irrigando uma vasta região que era praticamente improdutiva. A produção de cebola, alho, uva e arroz naquela região tem sido aumentada ano após ano depois da construção dos canais de irrigação.

Seguindo estas velhas práticas o homem pode deter a decadência do solo, restaurar sua antiga fertilidade e torná-lo sempre mais rico e produtivo à proporção que os anos passam.

*Jazidas minerais* — Estes recursos naturais uma vez esgotados não podem ser renovados. Séculos e séculos são gastos pela Natureza no processo de formação das jazidas minerais que nós destruimos em poucos meses. Cabe-nos a responsabilidade de conservar os minérios, a fim de proporcionarmos às futuras gerações oportunidades aproximadas àquelas que nos foram oferecidas. Já deve ter surgido entre os leitores a seguinte pergunta. Então, não podemos explorar nossos minérios?

Quando falamos na conservação dos nossos minérios não queremos com isso dizer que eles não devam ser removidos ou explorados. Esta exploração é mesmo necessária, pois dependemos deles para produção de combustíveis, energia atômica e inúmeras outras aplicações. O que pode e deve ser feito neste sentido é uma exploração controlada das jazidas com o máximo de aproveitamento das escórias ou resíduos minerais.

Após esta rápida visão da imensidade de recursos que a Natureza nos oferece, fazendo um breve exame de como os utilizamos e do que poderia ter sido feito para sua conservação, concluímos que nosso senso de responsabilidade não foi despertado para este problema. Talvez já sentindo esta necessidade é que o novo Programa Primário cita, entre outras, a unidade de estudo: "Nossos Recursos Naturais e Como Conservá-los."

## Análise Literária

*Delma Vinhas Passos*

1 — Referência ao livro.

2 — Análise própria dita:

- a) extrato fônico;
- b) extrato morfológico sintático;
- c) extrato de objetos representados;
- d) extrato de qualidades metafísicas.

1 — Referência ao livro.

O trecho abaixo foi escolhido do livro D. Casmurro de Machado de Assis e intitula-se: "O Protonotário Apostólico."

Esse romance faz parte da famosa trilogia de Machado de Assis, figurando ao lado de "Quincas Borba" e "Memórias Póstumas de Brás Cubas".

D. Casmurro é, na vida de Machado, uma obra à parte.

Há nele "um calor de vida, uma transpiração de contato humano visto num plano mais longo que nos outros livros".

Ao lado da imaginação criadora, figura nele o humano. É um romance mais feito de "sensibilidade que de idéias". Não há aqui desenvolvimento de teorias abstratas

ou filosóficas. Tomando outro caminho, o autor dá ao livro uma fisionomia diferente dos outros romances. Liga-se, contudo, aos outros livros quanto à idéia central de dissecar caracteres, quanto à dúvida irônica: "Capitu teria sido responsável por si mesma ou foi apenas dirigida por uma fatalidade poderosa e desconhecida?" São muitos os personagens de Machado de Assis, colocados em situações idênticas.

Dir-se-ia que, grandemente influenciado pelas idéias jansenistas da época, sobretudo de Pascal, Machado atribui ao destino a direção de suas personagens. Nelas não há opção, há um determinismo preestabelecido.

Nesse livro, o autor não foge à sua vocação de psicólogo. Acompanha fielmente a evolução da adolescência de Bentinho e Capitu.

Não é preciso chegar ao fim do livro para ver o desfecho, êle se insinua desde o princípio.

Sem se prender à "voluptuosidade do nada", D. Casmurro é antes de tudo um livro humano, e, ao terminá-lo, o autor volta com a sua dúvida para saber se "Capitu da Praia da Glória já estava dentro da de Mata Cavalos".

O texto que se encontra na página 119 do livro D. Casmurro é o seguinte:

#### O PROTONOTÁRIO APOSTÓLICO

Enfim, peguei dos livros e corri à lição. Não corri precisamente; a meio caminho parei, advertindo que devia ser muito tarde, e podiam ler-me no semblante alguma coisa. Tive idéia de mentir, alegar uma vertigem que me houvesse deitado ao chão; mas o susto que causaria a minha mãe fêz-me rejeitá-la. Pensei em prometer algumas dezenas de padre-nossos; tinha, porém, outra promessa em aberto e outro favor pendente... Não, vamos ver; fui andando, ouvi vozes alegres, conversavam ruidosamente. Quando entrei na sala, ninguém ralhou comigo.

O Padre Cabral recebera na véspera um recado do internúncio; foi ter com êle, e soube que, por decreto pontifício, acabava de ser nomeado protonotário apostólico. Esta distinção do Papa dera-lhe grande contentamento e a todos os nossos. Tio Cosme e prima Justina repetiam o título com admiração; era a primeira vez que êle soava aos nossos ouvidos, acostumados a cônegos, monsenhores, bispos, núncios, e internúncios; mas que era protonotário apostólico? O Padre Cabral explicou que não era propriamente o cargo da cúria, mas as honras dêle. Tio Cosme viu exaltar-se no parceiro de voltarete, e repetia:

— Protonotário apostólico!

E voltando-se para mim:

— Prepara-te, Bentinho; tu podes vir a ser protonotário apostólico.

Cabral ouvia com gôsto a repetição do título. Estava em pé, dava alguns passos, sorria ou tamborilava na tampa da boceta. O tamanho do título como que lhe dobrava a magnificência, pôsto que, para ligá-lo ao nome, era demasiado comprido; esta segunda reflexão foi Tio Cosme que a fêz. Padre Cabral acudiu que não era preciso dizê-lo todo, bastava que lhe chamassem o protonotário Cabral. Subentendia-se apostólico.

— Protonotário Cabral.

— Sim, tem razão; protonotário Cabral.

— Mas, Sr. Protonotário, — acudiu prima Justina para se ir acostumando ao uso do título, — isso o obriga a ir a Roma?

— Não, D. Justina.

— Não, são só as honras, observou minha mãe.

— Agora, não impede — disse Cabral, que continuava a refletir, não impede que nos casos de maior forma-



lidade, atos públicos, cartas de cerimônia etc., se empregue o título inteiro: protonotário apostólico. No uso comum, basta protonotário.

— Justamente, assentiram.

José Dias, que entrou pouco depois de mim, aplaudiu a distinção, a recordou, a propósito, os primeiros atos políticos de Pio IX, grandes esperanças da Itália, mas ninguém pegou do assunto; o principal da hora e do lugar era o meu velho de latim. Eu, voltando a mim de receio, entendi que devia cumprimentá-lo também, e este aplauso não lhe foi menos ao coração que os outros. Bateu-me na bochecha paternalmente e acabou dando-me férias. Era muita felicidade para uma só hora. Um beijo e férias! Creio que o meu rosto disse isso mesmo, porque Tio Cosme, sacudindo a barriga chamou-me peralta; mas José Dias corrigiu a alegria:

— Não tem que festejar a vadiação; o latim sempre lhe há de ser preciso, ainda que não venha a ser padre. Conheci aqui o meu homem. Era a primeira palavra, a semente lançada à terra, assim de passagem, como para acostumar os ouvidos da família. Minha mãe sorriu para mim, cheia de amor e de tristeza, mas respondeu logo:

— Há de ser padre, e padre bonito.

— Não se esqueça, mana Glória, e protonotário também. Protonotário apostólico. — O protonotário Santiago, acentuou Cabral.

Se a intenção do meu mestre de latim era ir acostumando ao uso do título, não sei bem; o que sei é que quando ouvi meu nome ligado a tal título, deu-me vontade de dizer um desafio. Mas a vontade aqui foi antes uma idéia, uma idéia sem língua, que se deixou ficar quieta e muda, tal como dá a pouco outras idéias... Mas essas pedem um capítulo especial. Rematemos este dizendo que o mestre de latim falou algum tempo de minha ordenação eclesiástica, ainda que sem grande interesse. Ele buscava

um assunto alheio, para se mostrar esquecido da própria glória, mas era esta que o deslumbrava na ocasião. Era um velho magro, sereno, dotado de qualidades boas. Alguns defeitos tinha; o mais excelso deles era ser guloso, nossa cozinha, se era simples, era menos pobre que a dele. Assim, quando minha mãe lhe disse que viesse jantar, a fim de se lhe fazer uma saúde, os olhos com que aceitou seriam de protonotário, mas não eram apostólicos. E para agradar a minha mãe, novamente pegou em mim, descrevendo o meu futuro eclesiástico, e queria saber se ia para o seminário agora, no ano próximo, e oferecia-se a falar ao "senhor bispo", tudo marchetado do "protonotário Santiago".

2 — Análise propriamente dita.

a) *Extrato Fônico.*

O escritor não se desfaz das suas qualidades literárias e maneja-as com maestria em qualquer gênero literário. Assim, temos, nesse trecho, exemplo de recursos literários: "... *ouvi vozes* alegres, conversavam ruidosamente. "Quando entrei na sala ninguém ralhou comigo." Temos no primeiro período a exploração do fonema V, sugerindo idéia de movimento leve. O fonema R, vibrante, dá idéia de movimento mais estridente; o verbo "ralhar" traz consigo todo um significado semântico; o efeito mesmo do verbo tamborilar, a repetição do som "tam", tudo isso traz ao ouvido do leitor o efeito mágico do som do tambor.

O S, fonema sibilante, dá idéia de ruído e sibilo.

b) *Extrato morfológico-sintático.*

Quanto à regência podemos notar:

"Peguei dos livros."

"Pegou do assunto."



É comum em Machado de Assis a construção "pegar de", preferindo a construção com o dativo de coisa à regência com o acusativo de coisa.

"E oferecia-se a falar" — construção que dá preferência à preposição *A* no lugar de *PARA*, indicando finalidade.

Valor funcional de algumas palavras:

"em aberto" — a palavra "aberto", participio passado, tomou a função de advérbio de modo, passando a formar uma locução adverbial.

"Agora", advérbio de lugar, funciona aqui como conjunção adversativa.

Os adjetivos "fino e raro" desempenham a função sintática de substantivos. De fato, a construção com os adjetivos substantivados deu à frase um toque de elegância todo especial.

Comum também em Machado de Assis é o processo da posposição para efeito estilístico.

"Alguns defeitos tinha" — talvez aqui o escritor queira concentrar a atenção do leitor nos defeitos do Pe. Cabral.

"... no ano próximo" — para quem ler o texto, verá, quase antecedendo o substantivo "ano" o advérbio "agora". O efeito estilístico que assinala a relação de tempo é bem claro aos olhos do leitor.

"... a fim de se lhe fazer" — aqui o "se" é apenas uma partícula enfática. É também comum em Machado de Assis a construção com as formas pronominais tônicas: "sorriu para mim", "pegou em mim".

"Tudo marchetado" aqui o verbo toma o sentido de "matizar, realçar".

### c) *Extrato de Objetos Representados*

O texto é tirado do livro D. Casmurro, Capítulo XXXV, intitula-se "O Protonotário Apostólico".

O tema vai mais longe e nos mostra os vários sentidos do assunto: psicológico, literário etc. O tema é a exploração do texto de vários modos.

Neste trecho, aparecem os seguintes personagens: Pe. Cabral, personagem principal; Bentinho, personagem importante. Os outros são: Cosme, o tio; D. Justina; José Dias; D. Glória, a tia; a mãe de Bentinho.

Pe. Cabral é o personagem representativo de clero burguês: boa aparência, culto, ambicioso das honras eclesiásticas, bom defensor de seus próprios interesses. Verdadeira idéia do Pe. Cabral nos dá Machado de Assis.

Bentinho, sendo um dos protagonistas do romance, não podia deixar de desempenhar aqui papel importante. Os outros personagens, sem perder sua integridade, concorrem para ressaltar mais a personalidade de Bentinho.

José Dias é o tipo do personagem respeitado, sagaz e irônico: "o latim sempre lhe há de ser preciso, ainda que não venha a ser padre".

Tio Cosme desempenha papel de pouca importância, age como reforço da personalidade do Pe. Cabral.

D. Justina aparece como uma curiosa do assunto, interessa-se por qualquer novidade e concorre para enredar a situação.

D. Glória é a tia de Bentinho.

A mãe é observadora, mas de inteligência limitada e presa a tabus e preconceitos da época.

Como o assunto é tratado:

O autor, num texto relativamente pequeno, deixa-nos a sua mensagem não só artística, mas também psicológica.

Sem se deixar fazer arrogante, Machado se arroga o direito do equilíbrio, da precisão e da correção.

O leitor sente-se bem ao ler o trecho, digamos, impecável.

Conhecedor de recursos estilísticos, maneja-os numa perfeita harmonia.

Ocorre-lhe no momento e no lugar exato, ora uma omissão, ora um efeito fonético ou uma posição.

"... nossos ouvidos acostumados a cânegos, monsenhores", etc. A omissão do verbo ouvir, depois do participio passado, tornou a frase mais elegante e produz talvez para o leitor maior efeito estilístico.

"O tamanho do título com o que lhe dobrava a magnificência"...

Aqui o autor, num jogo de palavras, combinou o valor semântico dos termos para produzir o todo que o leitor esperava.

"Agora, não impede" — o autor usa de um advérbio de tempo para atenuar uma objeção — eufemismo.

É comum em Machado de Assis a dúvida: "Minha mãe sorriu para mim cheia de amor e tristeza".

Essa dúvida amarga e irônica constitui uma das características principais do escritor.

É surpreendente como o escritor deixa o personagem caminhar livremente, e, aqui, o personagem, como que ansioso para se libertar da dúvida, desabafa na seguinte afirmação: "há de ser padre, e padre bonito". É uma reação psicológica e espontânea de quem, prêsso à idéia fixa, dela não consegue se libertar.

O personagem segue livremente no romance a meta que a própria intriga lhe impõe, sem interferência, revelando-se cada vez mais íntegro, não se traindo em nada, nem mesmo no mal.

Mais adiante, com a afirmação de Cabral: "o protonotário Santiago", Bentinho sente-se inibido a reagir.

O escritor respeita essa inibição, não intervém para não prejudicar o determinismo sociológico a que se ligava

o personagem; e busca vaziar seus sentimentos numa linda metáfora: "... uma idéia sem língua, que se deixou ficar quieta e muda".

Interessante é notar, um pouco mais abaixo, o modo como o escritor descreve o personagem: primeiro realça as qualidades morais, depois descreve o físico e em seguida os defeitos do personagem. Aqui o escritor é notável, retomando o Pe. Cabral e no-lo devolvendo como um bom burguês.

Machado não desprezava as ironias tendo-as como excelente meio de ridicularizar as criaturas: "comia pouco, mas estimava o fino e o raro".

O próprio escritor, debaixo de uma ironia fina, mostra até onde ia o espírito dessa burguesia.

"Assim, quando minha mãe lhe disse que viesse jantar, a fim de se lhe fazer uma saúde, os olhos com que aceitou seriam de protonotário, mas não eram apostólicos."

Aqui, o escritor faz a distinção entre protonotário e apostólico.

O texto termina mostrando a tática psicológica do Pe. Cabral, que, sentindo-se alvo de tantas atenções, deveria fazer um agradecimento, sobretudo, à mãe de Bentinho. E, mais uma vez, Bentinho é a vítima que, por ora sem defesa, só encontra refúgio no amor.

#### d) *Extrato de Qualidades Metafísicas*

Podemos nos certificar, como tentamos demonstrar, que Machado de Assis nos deixa duas grandes mensagens: uma artística, outra psicológica.

Para se deduzir a mensagem artística não é preciso esperá-la no fim do texto, temo-la, claramente, com a riqueza de recursos estilísticos do autor.

A mensagem metafísica está claramente aí, é a mensagem da dúvida psicológica e irônica que patenteia em

tôda a sua obra, da fase realista. Essa dúvida não é uma dúvida mórbida, "mas é uma dúvida consciente e honesta, de quem quer ter a certeza para afirmar".

Há também uma ponta de humorismo, parece que vemos Machado rir e penalizar-se dos defeitos do Pe. Cabral.

O humorismo de Machado se deduz facilmente: "Bocejos de tédio e sorrisos de desdém."

#### BIBLIOGRAFIA

PEREIRA, Lúcia Miguel — *Machado de Assis*.

ASSIS, Machado — *D. Casmurro* — Editora Jackson.

REVISTA DO LIVRO — n.º 11.

## Dos Programas de Ensino e dos Livros Didáticos

*Yêda Marques Pereira*

*Niza Carvalho*

*Maria Auxiliadora de Souza Brasil*

### 1 — Considerações gerais.

#### 1.1 — Sobre programas.

A União cabe legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional. Essa competência, porém, não exclui a dos Estados de legislar, supletivamente, sobre a matéria, respeitada a legislação federal, uma vez que os Estados dispõem de todos os poderes não conferidos à União ou aos municípios.

O Ministério de Educação e Cultura, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961, exerce as atribuições do Poder Público Federal em matéria de educação.

É ainda ao Ministério de Educação e Cultura que cabe velar pela observância das leis do ensino e pelo cumprimento das decisões do Conselho Federal de Educação.

Entre as atribuições do Conselho Federal de Educação destaca-se sua competência para estabelecer a duração e o currículo mínimo para os cursos de ensino superior. Em relação ao ensino médio, o Conselho Federal de Educação indica disciplinas obrigatórias para os sistemas de ensino. Ao Ministério de Educação e Cultura compete homologar, entre outros, esses atos do Conselho Federal de Educação.

A variedade de cursos, a flexibilidade de currículos e a articulação dos diversos graus e ramos são aspectos aos quais os sistemas de ensino devem atender.

A necessidade do atendimento às peculiaridades regionais e de grupos sociais, através da variedade de métodos e formas de atividades, e o aperfeiçoamento dos processos educativos, através de estímulo às experiências pedagógicas, são cogitações às quais a lei federal ou estadual deve atender na organização do ensino primário e médio, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Em relação ao ensino primário, a legislação federal estabelece, como finalidade, "o desenvolvimento do raciocínio e das atividades de expressão da criança, e sua integração no meio físico e social". Refere-se, ainda, à obrigatoriedade e à duração do curso primário.

Já no ensino médio, a legislação é mais detalhada, estabelecendo a competência do Conselho Federal de Educação para indicar cinco disciplinas obrigatórias e atribuindo aos Conselhos Estaduais de Educação a competência para a completção do seu número e o relacionamento das de caráter optativo. Quando do relacionamento dessas disciplinas, o Conselho Federal de Educação e os Conselhos Estaduais de Educação estabelecem a amplitude e o desenvolvimento de seus programas, em cada ciclo.

O cumprimento dos programas elaborados é uma das normas a serem observadas na organização do ensino médio.

O regimento ou estatuto sobre a organização de cada estabelecimento de ensino médio deve dispor sobre a constituição de cursos e o regime administrativo disciplinar e didático.

No ensino superior, compete ao professor a organização do programa de sua disciplina, cabendo à congregação aprová-lo.

A autonomia das universidades é estabelecida na legislação federal e os estatutos devem definir seu exercício.

A Constituição do Estado de Minas Gerais, de treze de maio de 1967, em consonância com a legislação federal, atribui ao Conselho Estadual de Educação o planejamento e a supervisão da organização do sistema estadual de ensino em todos os seus graus e ramos.

Entre as finalidades da Secretaria de Estado dos Negócios da Educação, definidas em regulamento, pelo Decreto n.º 6.002, de 29 de novembro de 1960, encontramos a de procurar elevar os níveis de deficiência e rendimento escolar, promovendo "o constante aprimoramento dos métodos, processos e programas de ensino". O mesmo decreto atribui à Secretaria de Estado da Educação competência para estabelecer o plano regulador do sistema estadual de educação e cultura".

Regulamentos e programas de ensino devem, pelo mesmo decreto, ser propostos pelo Senhor Secretário ao Governador do Estado.

São, ainda, da competência funcional do Senhor Secretário "presidir o Conselho Estadual de Educação e aprovar os seus pareceres", bem como "nomear comissões para o estudo de questões administrativas e de interesse do ensino".

A estruturação de programas de ensino e o encaminhamento desses programas à aprovação do Senhor Secretário são, segundo o regulamento da Secretaria de Estado da Educação, da competência do Sr. Chefe do Departamento de Educação.

Compete ao Serviço de Estudos Pedagógicos, através da Seção de Programas e Livros Didáticos, entre outras atribuições, elaborar currículos escolares e programas de ensino pré-primário, primário e normal.

Entre as atribuições do Conselho Estadual de Educação, destaca-se a que estabelece sua competência para: autorizar a organização de cursos experimentais, nos níveis primário e médio, completar os sistemas estaduais de ensino e "definir a amplitude e o desenvolvimento dos programas das disciplinas obrigatórias do sistema estadual". A homologação do Senhor Secretário de Estado da Educação se faz

necessária sempre que a decisão do Conselho é "relativa à matéria da competência ou sob jurisdição do Governo estadual".

O Código do Ensino Primário, Lei n.º 2.610, de 8 de janeiro de 1962, estabelece o conteúdo do programa de ensino primário. Preceitua, também, que pesquisas e estudos processados por órgãos técnicos devem fundamentar a orientação e os programas.

Em sùmula, o que podemos inferir, a partir do estudo da legislação vigente, no que tange aos programas de ensino, é que a Secretaria de Estado da Educação, atualmente promove a elaboração de programas, a título de sugestão, para os níveis primário e médio, programas êsses que são submetidos ao Conselho Estadual de Educação para aprovação.

## 1.2 — Sobre livros didáticos.

A Constituição do Estado de Minas Gerais, de 13 de maio de 1967, no seu artigo 227, estabelece que "a legislação do ensino adotará os seguintes princípios e normas: item 10: a distribuição do livro didático far-se-á através de bibliotecas ou de outros meios que o Estado estabelecer".

A Comissão Nacional do Livro Didático, criada pelo Decreto n.º 1.006, de 30 de dezembro de 1938, é constituída por pessoas especializadas em metodologia das línguas, das ciências e das técnicas.

O artigo 6.º dêste mesmo decreto estabelece que "é livre ao professor a escolha do processo de utilização dos livros adotados, uma vez que seja observada a orientação didática dos programas escolares".

A doação de livros didáticos aos alunos necessitados, pelas caixas escolares, é também prevista no mesmo decreto, em seu artigo 8.º.

Entre as atribuições do Senhor Chefe do Departamento de Educação, segundo o artigo 43 do regulamento da Secretaria de Estado dos Negócios da Educação, Decreto n.º

6.002, de 29 de novembro de 1960, encontra-se a de "promover a indicação de livros didáticos".

Ao Serviço de Estudos Pedagógicos compete, através da Seção de Programas e Livros Didáticos:

- elaborar normas para a classificação de livros didáticos;
- emitir parecer sobre livro didático, quando solicitado;
- recomendar a adoção de livro didático.

## 2 — Sistemática do trabalho.

### 2.1 — Os programas.

A Comissão Central para a elaboração de programas, nos níveis primário e médio, é designada pelo Senhor Secretário de Estado da Educação e assim constituída: presidente — o chefe do Departamento de Educação; supervisor-geral — o chefe do Serviço de Estudos Pedagógicos; coordenador-geral — o chefe da Seção de Programas e Livros Didáticos; demais membros — chefes de outros Departamentos e representantes de órgãos oficiais do Estado.

Além da Comissão Central, pode haver tantas comissões especiais quantas forem as disciplinas do programa contando, cada uma, com um coordenador, um secretário, consultores e tantos membros quantos se fizerem necessários.

Na elaboração de programas de ensino devemos ter em vista objetivos gerais e específicos.

Como objetivos gerais, consideramos que os programas devem atender à filosofia que preside o sistema estadual vigente, às finalidades do curso e às peculiaridades do currículo.

Os objetivos específicos a que um programa deve atender referem-se ao conteúdo e à forma.

O conteúdo dos programas deve ser interessante, significativo, atual, adaptável às características regionais, flexível e acessível, de modo a possibilitar a cada aluno a aquisição de hábitos, atitudes e habilidades indispensáveis à vida.

Os programas devem ser elaborados tendo-se em vista a evolução da ciência. — A instrução deve ser planejada em uma seqüência lógica em que o educando caminhe sempre para a frente, sem necessitar repetir, formalmente, a matéria já vencida, o que lhe possibilita informar-se, e formar-se, de acôrdo com as suas reais possibilidades, com menos dispêndio de energia e tempo.

Os programas devem ser organizados por unidades constituídas de etapas, num crescendo de dificuldade e complexidade. Assim, o programa de cada matéria será elaborado para o curso todo; o aluno o vencerá na medida de suas possibilidades.

A avaliação dos programas deve ser feita no término de cada fase (etapas e unidades), após o que o aluno passará à etapa ou unidade seguinte; os alunos mais lentos vencerão o programa em mais tempo.

Esse sistema, já por nós experimentado, além de basear-se em princípios científicos os mais modernos, representa uma medida de grande alcance econômico por assegurar a cada educando recursos para se desenvolver dentro de suas possibilidades, atendendo ao postulado de respeito às diferenças individuais.

## 2.2 — Os livros didáticos.

O estudo de livros é feito pela seção, mediante solicitação do autor ou editor, endereçada ao Senhor Chefe do Departamento de Educação.

Após o estudo, por uma equipe, o autor é informado do parecer emitido pela seção, que se coloca à disposição do interessado para esclarecimentos e sugestões.

Se aprovado, o livro é incluído entre os recomendados pela Secretaria de Estado da Educação, para os diversos cursos.

Na análise de um livro, temos em vista os seguintes aspectos: filosófico, didático (técnico e artístico) e material.

No aspecto filosófico, procuramos verificar qual a filosofia do autor, se seu trabalho se baseia “nos princípios

de liberdade, e nos ideais de solidariedade humana”, que inspiram a educação nacional, de acôrdo com o artigo 1.º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Quanto ao aspecto didático, procuramos verificar se o livro atende, principalmente, aos seguintes critérios:

— técnicos: adequacidade, autenticidade, atualização dos conhecimentos ou informações, organização, imparcialidade na transmissão dos fatos;

— artísticos: capa artisticamente elaborada, ilustrações em número razoável e bem dispostas nas páginas, disposição de textos.

Quanto ao aspecto material, temos a considerar: o tipo das letras, o tamanho das orações, a côr da tinta, a côr e a espessura do papel, o espaçamento entre as linhas e a durabilidade do material.

## 3 — Trabalhos realizados.

### 3.1 — Programas elaborados.

A seção promoveu a elaboração dos seguintes programas:

- Ensino Primário, em vigor desde 1965;
- Ensino Colegial Normal, em 1964;
- Ensino Pré-Primário, em fase de conclusão;
- Ensino Complementar, em elaboração;
- Ensino Supletivo, em estudos preliminares.

### 3.2 — Os livros examinados.

A seção tem examinado livros didáticos e de literatura.

Entre os primeiros, situáramos pré-livros, cartilhas, livros básicos (no curso primário) e os destinados ao nível médio, especialmente ao curso Colegial Normal.

Entre os segundos, os livros de literatura infantil e juvenil.

## 4 — Perspectivas.

A seção se encontra, no momento, empenhada em promover:

— a interpretação dos programas vigentes em termos operacionais (análise comportamental);

— a elaboração de outros programas;

— a reelaboração periódica de programas, de acordo com o resultado de seus próprios estudos e observações, das pesquisas feitas pela seção própria, e da experiência do órgão de assistência técnica do ensino;

— maior racionalização e intensificação da análise de livros;

— maior divulgação dos critérios que visam orientar os autores na elaboração de livros didáticos e de literatura.

A seção espera contar, no futuro, com uma escola experimental, a fim de que possa estudar, em profundidade e *in loco*, problemas referentes a programas e livros didáticos.

## O Camponês da Garona

ELISABETH VORCARO HORTA

Há pouco mais de um ano, quando apareceu o último livro de Jacques Maritain "Le Paysan de la Garonne" ("O Camponês da Garona") Jean Guilton escrevia no "Le Figaro", de Paris que "muitos leitores vão devorar êste livro veemente e difícil, acreditando, talvez, que se trate de sua chama revolucionária de direita. Estarão enganados, pois neste exame, a velha direita recebe rudes golpes. Se a esquerda é feira de "carneiros de Panurgio" a direita recolhe os "ruminantes da Santa Aliança". O filósofo faz ironia. Maritain não é de um universo em que há esquerda ou direita, embora sua inclinação seja pela esquerda. Ele não habita nem mesmo o centro, mas a profundidade."

O livro já vai longo em edições. O exemplar que temos em mãos e que recebemos do autor em honrosa e agradável oferta na sua letra miúda e firme — é a oitava edição com 55 mil exemplares.

Maritain reafirma com veemência e clareza o que disse em toda a vida em seus admiráveis livros que por serem de alto teor filosófico e servidos de uma cultura geral filosófica quase incomparável em nossos dias, nunca deixaram de ser claros, simples e diretos.

É um traço característico do seu pensamento entregar-se ao leitor numa organização lógica completa. Ele nunca supõe ou sugere dúbiamente ou busca sem encontrar: êle simplesmente diz, revela.



Neste livro Jacques Maritain, parece ser mais ainda do que em outros claro e direto. É uma atitude de velho homem que assim manifesta seu carinho, seu amor pelas pessoas — se para que o mundo saiba que ele realiza aquilo que lhe foi destinado por Deus — sua vocação — e a realiza com amor semelhante com que a recebeu.

Sua vocação — esclarecer o pensamento — levar a verdade para aqueles que a quiserem receber — e a vem realizando nobremente através dos anos.

Em outro trecho ele afirma o valor da verdade dizendo que entre aqueles que falam como Pilatos (sem se comprometer — sem se dar inteiramente) há seguramente muitos que não deliberadamente recusaram o desejo da Verdade — essa Verdade “sem a qual não se é um homem”. “Tão alto a colocam que sem ela não admite se atinja a plenitude do ser humano. — E fica tudo tão simples e claro. É justamente o que acontece — a recusa da Verdade em muita gente é apenas um aspecto da sua diminuição humana que já vinha se processando há muito tempo e do seu comprometimento com a falsidade, a ambição, o egoísmo e o abuso do poder temporário.

A importância de ser um homem — ou uma mulher em sua plenitude de ser humano completo está em que é essencial ao cristão ser de uma só vez pessoa e membro. Dois aspectos distintos mas não separáveis. Como pessoa — a plenitude de si mesmo e o uso da verdade para si mesmo. Tão difíceis os dois em tantas circunstâncias e ainda a aplicação dessa verdade e a participação como membro da humanidade.

Hoje que o mundo ficou pequeno — tal é a facilidade de sabermos o que se passa nos lugares mais remotos — seja um acidente com um safari na África em que pessoas desocupadas resolvem matar animais — ou no ataque em lugares do Vietnã que era antes um país remoto e que hoje se tornou tão cruelmente conhecido no mundo todo — sejam as enchentes do Sul da Itália — de tudo somos informados quase imediatamente. Ao mesmo tempo verifi-

ca-se que o mundo cresceu na possibilidade que nos oferece de participar — porque sofremos com o desespero da criança que chora desconsolada numa foto da UPI perto do cadáver de sua mãe que acaba de morrer numa rua qualquer de Saigão.

Não só imaginamos o seu choro convulsivo como a solidão gritante que a envolve e que fez o fotógrafo passar na rua e fotografá-la — ele que já viu coisas piores e que tem as retinas impregnadas dos horrores de Huê e de Khe-San.

Aqui mesmo entre nós a cidade toda participou da tragédia da Serra do Caparaó — antes de nome tão sonoro e poético e hoje marcada pelo “suspense” que durou alguns dias como preparação para fim tão doloroso e de tanto sofrimento!

Como pessoa, ante situações semelhantes, alguns se oferecem ativamente para participar — outros participam de outras formas. Outros apenas tomam conhecimento — e outros nem isso fazem tal o abismo em que vivem ensimesmados.

Estas considerações visam a aplicação prática da palavra de Maritain — e muitas outras aplicações existem ao alcance de qualquer um em qualquer situação — desde a simples para sua qualquer ajuda a quem precisa, seja até para atravessá-la — seja as outras milhares de formas que nunca deixaram de existir para quem toma conhecimento de que existe o próximo — e que Maritain vem lembrando-nos não por ser Maritain, mas um revelador da Verdade cristã.

Adverte o autor sobre o modernismo desenfreado de hoje por ser irremediavelmente ambivalente. Por um lado anima a fé cristã e por outro procura esvaziá-la de todo o conteúdo. E com isso faz com que um certo número a ela adira numa espécie de testemunho desesperado. São as vestais de uma filosofia pré-admitida, de uma grande sofística (pode-se conhecer o ser com a condição de colocá-lo entre parêntesis ou de fazer abstração dele...) A eles recitera Maritain que a escolha é só uma — Deus vivo pela vontade de qual nós vivemos e que nos ama e a quem amamos — é



amar é dar-se o que se é — seu ser mesmo, no sentido o mais absoluto — o mais frontalmente metafísico e menos fenomenalisável desta palavra.

Continuando o capítulo “Notre drôle de temps” êle diz que sem querer fazer um quadro sociológico ou clínico de nosso tempo êle se interroga sôbre êle pelas idéias que encontra a cada momento em qualquer rua e que precisam muitas delas ser desembaraçadas. A fixação obsessiva sôbre o passar do tempo — e a duração do efêmero seja para ser devorado por êle ou para aceitar com os olhos fechados o que êle traz. Sujeitar as coisas do espírito às leis do efêmero que regem sômente a matéria e o plano biológico — fazer como se o espírito estivesse submetido ao “deus das mósca” é o primeiro sinal da doença de nosso tempo já prevista por São Paulo.

## Casamento e Divórcio

ELISABETH VORCARO HORTA

O ambiente é uma sala de aula de uma das nossas Faculdades. A matéria, Sociologia. O assunto é a “Declaração Universal dos Direitos do Homem”, ligado a um dos temas do programa. Os artigos, cada um veementemente discutido, controversado, refutado, endeusado. Chegamos ao artigo 16 com seus 3 parágrafos referentes ao “direito de casar e fundar família em livre consentimento dos dois, homem e mulher, para aquela destinação. A família, disse o artigo, é o elemento natural e fundamental da sociedade que deve protegê-la assim como o Estado”.

O assunto é empolgante para jovens entre 17 e 40 anos, solteiros em maioria e em maioria na média de idade de 20 anos. Mas existem casados e casadas (10% da turma) e alunos que já sentiram agudamente o problema do casamento infeliz e são filhos de desquitados.

O assunto transformado em seminário em duas oportunidades alcançou entre outras metas, aquela da calma dos ânimos, orientados depois de estudos de cada um, em excelentes fontes bibliográficas e sob o estímulo da emulação.

Inicialmente, no primeiro encontro sôbre o assunto causara surpresa a total tendência para o divórcio ou desquite sempre que não houver entendimento entre os casados, liberdade sexual, não importância da “virgindade”. Colocou-se bem a interrogação: e o problema dos filhos? As respostas os colocavam sempre em segundo plano ante a “importância” do entendimento e afinidade entre os pais.

Novos sêres, novos destinos — vidas inteiras significavam menos que os problemas de adaptação de dois que não se entenderam ou deixaram de se amar por quaisquer motivos.

Mas o estudo, feito individualmente e em pensadores lúcidos esclareceu e fêz definir muitos pontos-de-vista tomados na pressa na interação de um numeroso grupo de pessoas, (54) onde, em conjunto, muitas responsabilidades se anulavam.

Computados os resultados no fim da discussão, chegou-se ao seguinte:

90% dos alunos são a favor do divórcio e 10% apenas pela manutenção do vínculo matrimonial "apesar de tudo". Em casos extremos (mesmo...) o desquite.

Inadmissível para maioria a "tolerância" e a "paciência" num lar "já desfeito" quando não existe compreensão e entendimento entre os dois. Uma paródia de lar que dê aos filhos o exemplo de ódio e frustração é mais perniciosa que a separação, dizem. Os laços amorosos que os pais mantêm entre si determinam a futura capacidade dos filhos para o amor, comunicação, amizade, diálogo...

Por doloroso que seja, o corte radical será menos doloroso que o clima torturado de um lar instável, precário etc...

"As leis preservam o matrimônio e a família, mas não podem preservar o que faz a unidade que é o amor, porque sem amor a família como unidade perde qualquer sentido social"... e assim, que mudem as leis.

Ninguém considera que a tolerância e a paciência são formas de amar muito mais profundas, porques baseadas no sacrifício e que podem, muitas vezes, salvar um casamento. E são exemplos para os filhos...

Cada caso é um, foi uma bela conclusão e as leis por mais justas que procurem ser, sempre serão para todos, sem atingir exatamente aquele caso e não prejudicar a outro. Assim, em alguns casos o divórcio seria a solução ideal, mas instituído em lei, não vai favorecer, sugerir e até criar separações que de outro modo não existiriam?

Se a base da sociedade está nas instituições permanentes — e se o casamento com o seu caráter de eternidade "até que a morte os separe" é a grande contribuição para isso, por que não cuidar de medidas preventivas, profiláticas, do que remendos e reparos no irreparável? A situação dos desquitados é horrível e legalmente não permite outros vínculos para o homem ou a mulher. Na nossa moral dúbia o homem imediatamente contrai outros vínculos e a mulher que o faz é vituperada assim como seus filhos.

Favorece portanto a desonestidade dos vínculos às escondidas ou então criam-se situações extralegais, em desafio franco à lei — mas as únicas possíveis.

Lembremos que o duplo código de moral para o homem e a mulher já não é tão considerado nos grandes centros civilizados do país. A mulher conhece seus "direitos" ou suas possibilidades de se desmandar também. Entretanto, jamais conseguiria burlar o direito natural que deu ao homem a desvinculação material da procriação e prendeu a mulher a nove meses de gestação e ao aleitamento etc. Somente meios artificiais ou de esterilidade libertam a mulher dêsse poderoso e oneroso vínculo.

"A importância do casamento está no fato de ser um elemento estável para a formação de um grupo conjugal. Suas funções secundárias são prover a necessidade sexual dos cônjuges e a procriação — uma vez que ambas as necessidades podem ser satisfeitas sem o casamento!... Entretanto esta premissa não teve continuidade no pensamento de quem a expôs e que também optou pelo divórcio.

Essa tão falada perpetuidade do vínculo deve ser cuidadosamente preparada, é inegável. E como?

Educação sexual, preparo moral e principalmente uma personalidade bem desenvolvida.

Grande parte dos casamentos mal sucedidos deve-se ao desajuste de um dos cônjuges às situações que o casamento lhe impõe. Imaturo e incapaz de autodisciplina continua solteiro, egoísta com sua visão das coisas quando o

casamento e os filhos exigem participação, visão em profundidade dos problemas que o rodeiam mais do que vê-los apenas — tomar parte nêles e muitas vêzes responsabilizando-se por êles. Essa "responsabilidade" já denota uma capacidade "superior" aos filhos e à mulher ou ao homem, conforme o caso para agir. Mas quantos são capazes de assumi-la?

Quantos homens e quantas mulheres? E quantos casamentos são salvos por essa "responsabilidade" da mulher mais do que do homem! E levam pela vida seu sacrifício pessoal em nome dos filhos a quem garantem um lar estável.

A situação econômica é importantíssimo fator. Não é possível estabilidade onde não há proventos para manutenção digna de uma casa, da educação dos filhos, saúde e lazeres da família.

Alguém cita a estatística de cerca de 66% de transviados *hippies*, tomadores de "bolinhas" como filhos de desquitados no Brasil e de divorciados nos E.U.A.

"Na sociedade moderna, a mulher que conserva seus princípios cristãos acaba num isolamento total e numa profunda depressão nervosa..." (Sic!) comenta outro aluno...

O amor livre antes do casamento e ligações extraconjugais parecem muito aceitáveis e sinal de civilização para uma ingénua e loura jovem que cita grandes países do mundo.

A necessidade de melhor conhecimento entre os que se vão casar todos compreendem, mas daí até a completa união dos dois há um grande caminho que requer práticas artificiais que repugnam a qualquer jovem conhecer e experimentar ou que se aceitasse, ainda assim, não dariam a verdadeira situação de conhecimento entre os dois — porque dispensa os filhos. — Portanto, ainda com a prática sexual antes do casamento não haveria completo conhecimento do que será depois. E não vale nada a tradição secular, onde milhões de casamentos deram certo — mesmo sem o conhecimento até, da fisionomia um do outro? Fica

claro que está desaparecendo o antigo complexo de virgindade existente na América Latina.

Quanto às ligações extraconjugais repugnam imediatamente. Se há uma escolha definida é questão de honestidade pessoal mantê-la antes de ser um princípio de fidelidade.

Que não é cômodo nem agradável muitos o percebem.

E quanto ao sacramento? Não vale nada? Está supe-rado? É só uma questão de fé?

Argumenta alguém que o noivo é o ministro do casamento, é um ato de dois que a Igreja sanciona. Como se fêz — pode ser desfeito... Mas... as dificuldades para isso são tão grandes que pouca gente tenta desfazer um casamento... E a Igreja não muda com facilidade.

Um aluno aponta a influência nefasta do romantismo sôbre o casamento. E indica as novas formas que o romantismo tomou na sociedade moderna e como pode prejudicar os cônjuges no impacto do dia a dia com as suas desilusões comuns que não chegam a ser decepções — de tão pequenos mas que podem destruir um casamento.

Considere-se que o amor eterno com suas promessas tão ao gôsto romântico não importa mais.

Talvez já não se pense mais no amor como o encontro de dois seres insubstituíveis. Tudo é substituível ou o amor diminuiu seus altos padrões.

E quanto ao gôsto da perenidade nas coisas — tão entranhado êle era que se pensava poder amar sômente o que podia durar. A perenidade já era o sinal do seu valor.

Hoje, praticamente, ama-se em cada um nôvo amor que equivale a nada — mas também não subjuga e deixa cada um naquela disponibilidade que tanto repugnava a um Jean-Cristoph — mas que é necessária para um constante vir a ser.

## Quarenta Anos de Serviços Públicos

EDGARD DE VASCONCELOS

Numa época em que todo mundo corre, valendo-se de todos os "expedientes" para chegar ao "dolce far niente" da aposentadoria remunerada, Antônio Ribeiro Avelar — o nosso conhecidíssimo TOTE, da Secretaria da Educação — completa 40 anos de contínuos e ininterruptos serviços prestados ao Estado de Minas, como professor e como funcionário. E, meditando sobre a sua atividade, durante todo esse tempo, posso avaliar o que sofreu, como funcionário zeloso que é, de uma das nossas mais movimentadas Secretarias de Estado.

Como inspetor-escolar e pessoa de confiança de todos os nossos Secretários de Educação, vejo-o errando pelo interior mineiro, através de estradas impraticáveis e difíceis, em trabalhos de sindicância em nossos grupos escolares, para pacificar espíritos, solucionar problemas e compor situações, às vezes extremamente difíceis. Habilitado no trato humano, espírito aberto à compreensão de todas as fraquezas de seu semelhante, soube ele sair-se de todas essas incumbências difíceis com aquela galhardia e serenidade que só os autênticos "homens de relações públicas" são capazes de fazê-lo.

### O "QUEBRA-GALHOS"

Por isso tornou-se, desde logo, o homem indicado, na Secretaria da Educação, para resolver todos os "problemas

difíceis" que surgissem em nossos estabelecimentos de ensino no interior. Certa feita, o velho Presidente Bernardes, que sempre o teve em alta conta, relatou-nos um desses fatos, em que dois de seus correligionários políticos estavam em luta, numa pequenina cidade do interior, na iminência de quebra da unidade do velho Partido Republicano Mineiro. O caso o preocupava sobremaneira, pois ele não queria tomar "posição ostensiva" em favor de nenhum dos litigantes, porque isso importaria, na certa, em rutura partidária.

A coisa estava nesse pé, indicando difícil solução para o Presidente Bernardes, quando o Secretário da Educação da época lhe disse:

— Fique tranqüilo, Presidente. Vou mandar lá um dos meus homens de confiança, e tenho certeza de que tudo se resolverá a contento, sem quebra de nossa unidade partidária.

E a pessoa designada para essa "missão diplomática" difficilima foi o Tote. De posse das credenciais, rumou ele para o município e lá ficou, recitando versos, cantando "piadas" para os dois chefes políticos, durante dez dias, e, findo esse prazo, encontrou solução pacífica para ambos, que vieram como bons amigos a Belo Horizonte, fazer uma visita de cordialidade ao Presidente Bernardes, em companhia do seu emissário.

Sempre que o "Chefe do PR" me repetia esse fato, concluía a narrativa com esta frase:

— O fato ficou resolvido, e bem resolvido, mas ainda hoje não sei o que fez o Tote para compor aqueles dois homens e conciliar os seus interesses.

É este homem de "relações públicas" da Secretaria da Educação que completa, agora, 40 anos de bons serviços prestados ao nosso Estado. E não é possível que esse acontecimento se verifique sem que levemos a ele uma palavra de gratidão pelos "inúmeros problemas" que resolveu

em nossos estabelecimentos de ensino, harmonizando, com a jovialidade do seu espírito, situações difíceis para os Secretários a que tem servido, com toda lealdade, ao longo de sua carreira de funcionário exemplar.

#### NA TIROLESA

Conheci-o, por volta de 1950, numa roda de poetas bisonhos, na antiga Tirolesa, recitando versos, contando "piadas" dos políticos mais famosos que passaram pelo Governo de Minas. Já naquela época exercia êle estranha fascinação no espírito de uma plêiade de jovens sonhadores, que começavam a invadir as nossas letras: Edilson Moreira, Emilio Moura, Nilo Aparecida Pinto, Mercês Maria Moreira, Da Costa Santos, Euríclides Formiga e tantos outros, cujos nomes não me acodem agora.

Era em torno do Tote, que se formava o grupo, não porque fôsse o mais velho, mas porque era o mais jovial, apesar dos seus cabelos brancos. Ali ficávamos até alta madrugada, a ouvi-lo, naquela "causerie" que ainda hoje lhe é peculiar.

Dali saía êle, às vêzes, para o seu Hotel Sul-Americano, onde reside há muitos anos, para fazer a barba, tomar o banho e compor a indumentária e a fisionomia, a fim de iniciar o seu "trabalho na Secretaria". Nós volvíamos à casa e dormíamos, não raro, até três ou quatro horas da tarde, enquanto o Tote errava pelos corredores da "sua Secretaria", distribuindo amabilidade com toda gente, especialmente com as professorinhas bonitas que vinham do interior à procura dêle para resolver os seus casos de licença, de promoção, de mudança de padrão, de transfêrências e uma infinidade de coisas mais.

E o mais interessante é que êle conhecia, e ainda hoje conhece, a todas pelo nome, e sabe, com absoluta precisão, de que município ou de que estabelecimento de ensino todas elas procedem. Nisto está a sua grande "virtude" de homem de relações públicas.

#### AS MULHERES

Seu fraco tem sido as mulheres. A respeito disso, corre em torno de sua pessoa um grande número de anedotas pitorescas. Os poetas satíricos de todos os tempos não o têm perdoado, em Minas Gerais, nessa sua inclinação acentuada para o sexo oposto. Muitas quadrinhas interessantes andam por aí, de boca em boca, celebrando o seu "fraco pelas mulheres" e fixando os aspectos mais interessantes da sua personalidade de homem bom e de sonhador impenitente. Uma dessas quadrinhas famosas diz, textualmente, o seguinte:

*Tote, poeta da lua,*

*Capaz de amar quando quer,*

*Seguiu um padre na rua,*

*Pensando que era mulher.*

É esta figura humana interessante, de funcionário e poeta, que desejamos celebrar, hoje, nestas linhas, a fim de que não passe despercebido o trabalho admirável de quarenta anos, sem uma falta sequer no serviço público, com que êle serviu ao nosso Estado, na sua existência gloriosa que todos nós admiramos e louvamos como um dos exemplos mais eloqüentes de fidelidade e amor à coisa pública...

## Obrigado, Papai!

Antônio Augusto de Mello Cançado

Nenhum homem é uma ilha, afirma poeticamente Tomás Merton.

Com os olhos d'alma voltados para a verdade da afirmação, tivemos, ao lado do então Secretário de Estado da Educação, Prof. Faria Tavares, a fortuna e o privilégio de dar corpo e insuflar vida à "Semana da Comunidade" em Minas Gerais.

Qual não foi, pois, o nosso gozozinho cívico quando, mais tarde, sentimos que o Governo Federal também se sintetizava conosco e instituiu essa mesma "Semana da Comunidade", já agora em âmbito nacional!

Com efeito, não teve outro objetivo — senão o mesmo do Governo de Minas — o Decreto n.º 60.081, da União, datado de 17 de janeiro de 1967, que determinou a comemoração, no período de 18 a 23 de setembro de cada ano, daquele sentimento de solidariedade — que dá sentido à vida e embeleza o convívio humano no *theatrum hujus mundi* de que falava gravemente o velho Descartes.

É certo que o diploma legal da República conferiu ênfase à tônica da alimentação escolar e também, num corolário, à criação de indústrias caseiras e à implantação da mentalidade cooperativista.

Sem embargo dessa preferência, a "Semana", no consenso federal como no estadual, só pretende ser uma semente de fraternidade integral, isto é, de uma solidariedade que se exprima tanto em termos materiais quanto espirituais, ao

mesmo tempo que se relacione adequadamente às coordenadas do Tempo e do Espaço, isto é, que faça entrelaçar-se o Passado com o Presente na missão de construir o Futuro. Porque ainda não somos contemporâneos de nós mesmos!...

O texto do diploma legal, aludindo às peculiaridades das regiões, fez-nos mergulhar em recordações agradáveis das lutas e dos cansaços que enfrentamos e vencemos para implantar nas Escolas Mineiras o gosto pela meditação dos temas e problemas tanto pedagógicos como sócio-econômicos que estão aí exigindo compreensão, equacionamento e solução da parte de todos nós.

Afinal, nosso esforço em Minas não resultou inútil: em tôdas as unidades de ensino conseguimos deflagrar o pensamento e o sentimento de que realmente, — se nenhum homem é uma ilha — cabe à Escola deixar de ser *solitária* para se tornar *solidária*.

Ora, ainda estávamos sob a impressão dessa lembrança, quando — na Academia Mineira de Letras onde conversávamos, — nos chegou às mãos todo um admirável documentário acérra da última "Semana da Comunidade" havida em Santa Cruz do Escalvado, doce burgo da Zona da Mata.

Organizada pela diretoria do Grupo Escolar Dr. Otávio Soares, Prof.ª Maria Gordiana Pereira, a série de estudos, seminários, reuniões, debates e festas transformou-se em autêntico calcidoscópio de Sociologia.

Todos os "status" sociais estiveram ali representados. Mestres, médicos, sacerdotes, advogados, fazendeiros ombreado com operários de tôdas as categorias profissionais compuseram uma nova fisionomia para a cidade.

E viu-se que a colaboração não tinha nada de *nominal*: — era *real*, concreta. Pois os prospectos da "Semana" inseriam até os nomes das casas comerciais, das empresas e dos estabelecimentos industriais empenhados não apenas no brilho das solenidades mas também na fecundidade dos seus resultados, — convencidos todos de que, se a Educação é o melhor investimento a longo prazo, compete a todos nós transformarmos

de tal modo o conteúdo do ensino que, já agora, as lições da Escola sejam as lições da vida para o trabalho construtivo.

Ora, é a isso que chamamos solidariedade integral.

E é isso que o Brasil inteiro deveria conhecer, amar e praticar, não apenas porque um decreto do Marechal Castello Branco o impõe, mas principalmente porque um dever de consciência patriótica o indica.

Com isso e depois disso que houve em Escalvado tão pequenino, — é lícito dizer que, quando Setembro vier... todo o País florescerá, para que as inteligências e os corações dos homens sintam a beleza da amizade cívica que começa nos bancos escolares e culmina no culto do amor maior, que é o da Pátria.

Poderíamos ser tentados a pensar que tenhamos, na "Semana do Comunidade," apenas o gosto de fazer festas. Festas, — mas é claro! — sempre as haverá. O que, porém, durante sete dias dêsse ritual de solidariedade sempre se há de verificar será o desencadeamento das energias de todos para a busca da solução dos problemas também de todos. Assim, analfabetismo, pauperismo, miséria, endemias, desnutrição, ao lado de descrença, pessimismo... — tudo isso terá sempre de ser passado em revista para que se encontre o denominador comum do seu equacionamento.

Ora, tudo quanto já vínhamos realizando ou tentando realizar em nosso "rush" em Minas vai-se agora procurar viabilizar no Brasil.

Seria vaidade repetir o que diziam os nossos maiores: "Minas docet"?

Talvez não. E, assim, exatamente como em Santa Cruz do Escalvado, chegará o dia em que todo garoto brasileiro terá os olhos iluminados para dizer: "Obrigado, papai, por matricular-me no Grupo Escolar!"

## SEÇÃO CATEQUÉTICA

### Celebração da Páscoa

"As Professôras

As adaptações para esta celebração de Páscoa poderão ser feitas de acôrdo com o ambiente. Apresentamos apenas as linhas gerais, o texto ajudará o espírito criativo das mestras, nas quais confiamos".

#### 1 — O GRÃO E A ESPIGA

O lavrador se levantou cedo. Comeu feijão de trepoiro. Tomou café. Pôs as sementes na sacola, jogou-a nas costas do burrinho, montou e seguiu. Andou bastante.

No campo, deixou cair sua semente no coração da terra arada. O sol estava quente como um braseiro. Quatro grãos aqui, cinco ali, passava o pé por cima e pronto.

A chuva caiu forte. O milho nasceu. Cresceu a roça e o lavrador ficou muito contente. Cuidou dela com carinho por bem tempo. Depois de seis meses todos os grãos de milho tinham se transformado em grandes espigas. Poucos morreram sem nada produzir. Um baguinho... uma, duas espigas. Um baguinho... milhares de grãos. E assim tudo se transforma. Esta é a maravilha.

#### 2 — A ARVORE E O FRUTO

Verde e cheia de vida. Muita gente não sabe que ela morre. Dá flôres, dá sombra quando cresce. São de muitas qualidades e cada um tem uma função. Servem algumas de remédio para o homem. De seus frutos êle come e vive.



Esta árvore está verde e ainda não deu os seus frutos. Não é o tempo de sua transformação. Quando fôr a hora, ela porá tôdas as suas forças em atividade. Florescerá rapidamente. Começará seu trabalho de transformação. Depois virão os frutos. Quando êles amadurecerem, ela ficará linda, tôda transformada!

### 3 — O ÔVO E O PINTINHO

Estava lá no meio do galinheiro...

Um pontinho branco, deixado sem rumo. A galinha cantava. Parecia dizer: cumpri minha obrigação de hoje.

Depois chegou José Carlos, garôto inteligente que tudo percebe.

Entrou devagarinho. Olhou aquêlo ôvo. Pensou... Poderia comê-lo, se quisesse. Seria tão gostoso! E se o levasse para a galinha que estava chocando, que aconteceria? Decidiu-se.

Colocou-o no ninho. E esperou... esperou. Vinte e um dias se passaram.

Depois... um pintinho.

Que alegria!

### 4 — O TRIGO E O PAO

Manhã azul. Trigaes dourados. Cantos e algazarra de gente que trabalha. O monte côr de ouro cresce cada vez mais.

Carros vagarosos conduzem as espigas. Para onde vão?

Chegou ao moinho distante. Num trabalho paciente, bem feito, o dourado do trigo se transforma em farinha

branca. As mós cumprem seu dever: trituram, moem. Os grãos aceitam: transformam-se para serem úteis.

Mais tarde um pãozinho quente, fôfo, sairá do forno do padeiro.

Sob mãos vigorosas o grão feito farinha foi amassado uma vez mais.

Recebeu fermento. Cresceu, de nôvo mudou.

Ao redor da mesa o papai, a mamãe, os sorrisos das crianças. Saboreiam o pão.

O pão que, numa certa manhã azul, foi espiga madura de trigo dourado.

### 5 — A UVA E O VINHO

Noite de inverno. Chuva fria na vidraça. Gente vai e vem. A vida palpita, chora e ri.

Uma casa simples, luzes, um bôlo no centro da mesa. O pai vai até o armário e apanha a garrafa de vinho que guarda há um ano para essa ocasião. É o aniversário de sua espôsa.

Em tôrno dêle os filhos, uns poucos amigos. Há calor naquela sala, há amor. Copos se erguem. O vermelho do vinho é para saudar os cabelos prateados pelo tempo.

Distante, o vento sopra nos campos. Cachos de uvas, nas parreiras, bebem o orvalho da noite.

Amanhã virá um outro dia. Nos vinhedos, pássaros; o sol vai adocicando os frutos. Mãos calejadas colherão as uvas.

Irão juntinhas, nos caixotes, umas para o mercado, outras para as fábricas.

Segue-se o processo de transformação. A uva já não é mais uva, é vinho. Continua o brinde à terra dos homens.



## 6 — A MENINA — A PROFESSORA — O MENINO — O JOGADOR DE FUTEBOL —

Elisa é um gesto de Deus, uma prova de amor. Um bebê engraçadinho, como todos os bebês.

Correm os anos. Elisa cresce e entra para a escola. E alegria dos mestres e orgulho dos pais. Seus olhinhos estão atentos ao livro. Para um instante. Olha pela janela o céu azul, que lá longe encontra os montes. Pensa em D. Lúcia. Como é bondosa, meiga. Gostaria de ser professora para viver pelas crianças. Seria maravilhoso contar histórias, ensinar a ler, escrever, rezar.

Continua olhando o céu. Uma bola vem despertá-la. Atrás, entra Amarelido.

O sonho de Amarelido é ser um jogador de futebol. Enfrentar uma partida no Maracanã ou no Mineirão. Ser outro Pelé, um outro Tostão.

Toca o sino do Grupo Escolar. Elisa, a professora do 4.º ano primário, recebe flores de seus alunos.

No estádio, Amarelido dribla o adversário e atira. Gritos de palmas da platéia.

É mais um gol!

## 7 — SENTIDO DA PÁSCOA

*Padre Francisco de Souza Viana*

*Wagna de Abreu Machado*

— José Carlos, não compreendo por que tantas crianças estão indo para a igreja hoje.

— Então não sabe, Renato? Vamos encontrar Cristo.

— Diga-me: como isto se dará?

— Explico-lhe. Você estava na Escola outro dia quando vimos aquelas cenas. Achei-as maravilhosas.

O grão sai da terra transformado em espiga.

A árvore sem frutos está apenas guardando suas reservas para o milagre da flor que se transforma em alimento.

— Ah, lembro-me sim! Foi a primeira vez que tive oportunidade de ver coisas assim!

(O pintinho, você não viu?) O ovo, depois de 21 dias, dá origem à vida. Então surge o pintinho.

O pão que nós comemos foi farinha.

O vinho, uva.

Tudo bonito demais. Eu não havia percebido ainda tanta beleza.

— Ótimo. Você entendeu direitinho. Foi uma preparação à nossa Páscoa de hoje. Pela Páscoa o homem se renova, assume a vida em Cristo. Nós nos transformamos numa nova pessoa.

As crianças que estão passando, participarão da Eucaristia, como eu. Gostaria de repetir minha alegria com você...

— Está bem. Irei lá em casa e pedirei à mamãe e papai que ajudem a minha preparação. Depois seguirei para a igreja, para estar com vocês. Começarei a modificá-la para fazer a Páscoa também, no próximo ano.

— Então até já, Renato!

REVISÃO FINAL:  
RESPONSABILIDADE DO AUTOR

B. LusG. 26-2-70

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Sergipe, n.º 440 — Belo Horizonte

TIRAGEM DA REVISTA (pela qual nos responsabilizamos):

5.000 exemplares

ASSINATURA: 4 números ao ano: NCr\$ 5,00

NÚMERO AVULSO: NCr\$ 1,30

(Toda correspondência deve ser dirigida ao endereço acima para:

Revista do Ensino — Elisabeth Vercaro Horla)

NO PRÓXIMO NÚMERO: Continuação dos Programas para o Ensino Normal em Minas Gerais

FRANCISCO CAMPOS — Um nome que fica na História de Minas Gerais



Origem: Doação

Preço: —

